

Nº 609 - AGO/25 - €1,50

R E V I S T A  D A  
**A R M A D A**



**MEMÓRIAS DE AUSCHWITZ**  
A HUMANIDADE EM REDENÇÃO



## CURIOSIDADES

# SABIA QUE A BANDA DA ARMADA ESTÁ LIGADA A UM MARCO HISTÓRICO NA MÚSICA PORTUGUESA?

Em 1903, quando da visita do rei inglês Eduardo VII a Lisboa, a Banda dos Marinheiros, como era na altura designada, gravou para a editora inglesa *The Gramophone and Typewriter Lda*, aquele que é conhecido como o primeiro disco gravado em Portugal, realizando mais 25 gravações em outros tantos discos, encontrando-se um exemplar de cada nos arquivos da EMI em Inglaterra.

Este exemplar foi oferecido ao Rei D. Carlos pelo maestro António Maria Chéu, regente da Banda dos Marinheiros, em 3 de Abril de 1903.

*Colaboração da Banda da Armada*



*Banda dos Marinheiros em 1899 dirigida pelo maestro António Maria Chéu*





# SUMÁRIO

- 02 Curiosidades
- 04 Tomada de Posse
- 07 “ATLANTIC POLEX.PT 2025”  
Exercício de Combate à Poluição Marítima
- 08 Guiné-Bissau  
O Narcotráfico e a luta por estabilidade  
Parte 1
- 11 Instituto de Ação Social das Forças Armadas  
233 Anos a servir a família militar
- 16 Guerra no Pacífico – Iwo Jima
- 26 65ª Peregrinação Militar Internacional  
Lourdes
- 27 Notícias
- 28 Monitores de Educação Física na Marinha  
Formação
- 30 Renovadas Histórias da Botica ~ 84
- 32 Vigia da História ~ 146
- 33 Quarto de Folga
- 34 Notícias Pessoais
- 35 O Nosso Navio
- CC Naus de Pedra em Lisboa

## DESTAQUES

- 05 NRP *Bartolomeu Dias*  
Escolta a porta-aviões no Mar Mediterrâneo
- 17 Os três pilares da Expansão Marítima Portuguesa  
Tradição, Liderança e Tecnocracia  
Parte 1
- 20 Memórias de Auschwitz  
A Humanidade em redenção

### Capa

**Memórias de Auschwitz – A Humanidade em redenção**  
Foto CFR António Manuel Gonçalves

#### Diretor

CALM AN Nelson Alves Domingos

#### Subdiretor

CTEN TSN – COM Ana Alexandra Gago de Brito

#### Coordenador da Redação

STEN TN (RP) Ana Catarina Marques Gomes

#### Designer Gráfico

STEN TSN (DSG) Mariana Gonçalves Lage

#### Secretário da Redação

SCH CM Paulo Jorge Dias Matias

#### Administração, Redação e Edição

Revista da Armada – Edifício das Instalações  
Centrais de Marinha – Rua do Arsenal  
1149 – 001 Lisboa – Portugal  
Telef. +351 211 593 251

#### Redação

[revista.armada@marinha.pt](mailto:revista.armada@marinha.pt)

#### Secretaria/Assinaturas

[ra.secretaria@marinha.pt](mailto:ra.secretaria@marinha.pt)  
Telef. +351 211 593 251

#### Estatuto Editorial

[www.marinha.pt/pt/Serviços/Paginas/  
revista-armada.aspx](http://www.marinha.pt/pt/Serviços/Paginas/revista-armada.aspx)

#### Paginação eletrónica e produção

AVCprint – Artes Gráficas  
Rua dos Juncais nº 2-A  
2665-241 Malveira  
Telef. +351 219 750 561  
(Chamada para rede fixa nacional)

#### Publicação Oficial da Marinha

Periodicidade mensal  
Nº 609 / Ano LV  
Agosto 2025

#### Tiragem média mensal

3250 exemplares

#### Revista registada na ERC

Registo nº 127719  
Depósito legal nº 55737/92  
ISSN 0870-9343

#### Propriedade

Marinha Portuguesa  
NIPC 600012662



R E V I S T A  D A  
**A R M A D A**



## TOMADA DE POSSE

NOVO DIRETOR | REVISTA DA ARMADA  
CALM AN NELSON ALVES DOMINGOS

Realizou-se no dia 30 de junho, na Biblioteca da Revista da Armada (RA), a tomada de posse do novo Diretor da RA CALM AN Nelson Alves Domingos, em substituição do CALM António Carlos Dias Gonçalves, que vinha exercendo o cargo desde 25 de setembro de 2023.

A cerimónia foi presidida pelo Diretor Cultural da Marinha, VALM Bastos Ribeiro, que impôs a Medalha Militar de Serviços Distintos – Grau Prata ao Diretor cesante, após a leitura do louvor.

Após leitura do despacho da tomada de posse, usou da palavra o CALM AN Nelson Alves Domingos, na qual começou por agradecer a confiança do Diretor Cultural da Marinha, "(...)" para dirigir um órgão de natureza cultural com tão grande visibilidade e sensibilidade para a nossa Marinha, e com elevada responsabilidade perante toda a Família Naval".

Agradeceu também a todos os que tiveram presentes na cerimónia de tomada de posse, referindo a importância da RA "(...)" ser o órgão vocacionado para divulgar interna e externamente tudo o que de relevo acontece dentro de portas, assim como para entreter e apoiar e passar a atitude tão própria dos marinheiros que se traduz na permanente vontade bem querer e de bem fazer". Referiu também que "(...)" a nossa Revista, para além de projetar a Visão da Marinha, noticiando o caminho e as iniciativas que vai trilhando e desenvolvendo, é também aquilo que os militares, militarizados e civis da Marinha, queiram que ela seja. Para tal é importante ter a consciência de que é necessária a colaboração de todos na sua ação quotidiana, seja a escrever artigos ou a disponibilizar fotografias, seja a promover a sua divulgação, ou até a formular críticas e a sugerir novas abordagens



Foto ASFAF IM (DS6) Eva Ferreira

que permitam manter a Revista como uma publicação viva e pujante", não deixando de citar o principal objetivo da RA, pelo responsável da criação da mesma, o Almirante Pereira Crespo – "Contribuir para o fortalecimento do Espírito do Corpo que sempre caracterizou a nossa Marinha e ao qual estão ligadas as virtudes e as tradições navais e ao mesmo tempo, que possa ser lida com agrado pelos nossos oficiais, sargentos e praças".

Por fim, tomou a palavra o VALM Bastos Ribeiro que agradeceu o grande empenho e dedicação do antigo Diretor, traduzido no louvor que lhe foi concedido, e a disponibilidade do novo Diretor para assumir um cargo de extrema importância para a Marinha.



## SÍNTESE CURRICULAR

O CALM AN Nelson Alves Domingos ingressou na Escola Naval (EN) em 1984 e foi promovido ao posto atual em 29 de dezembro de 2017.

Foi Chefe de Serviço de Abastecimento nos NRP *Augusto Castilho*, Comandante *João Belo* e *Vasco da Gama*. Em 1993 participou na receção do NRP *Bérrio*, tendo integrado a 1ª guarnição do navio até 1995, participando durante o período de embarque em várias missões nacionais e internacionais.

Entre 1995 e 1999 foi Chefe da Secção de Contratos Especiais e Chefe Interino da Repartição de Obtenção na Direção de Abastecimento (DA). Em 1999 foi Chefe da Repartição de Contabilidade e Finanças na Chefia do Serviço de Apoio Administrativo (CSAA). Em 2001, já como Oficial Superior, foi nomeado para o Departamento Marítimo da Madeira, em acumulação com o Comando da Zona Marítima da Madeira, onde desempenhou as funções de Chefe dos Serviços Administrativos e Financeiros.

Em 2004 regressou à CSAA, assumindo o cargo de Chefe da Repartição do Património e, mais tarde, o de Chefe da Repartição de Vencimentos e Abonos.

Entre 2008 e 2010 foi docente na EN das cadeiras da área de Logística e Abastecimento.

Nos três anos seguintes desempenhou funções no Estado-Maior-General das Forças Armadas, como Chefe da Repartição de Finanças, tendo participado em diversos grupos de trabalho, entre os quais o da "Nova Estrutura de Comandos NATO".

Entre janeiro e setembro de 2014, dirigiu a Direção de Auditoria e Controlo Financeiro da Marinha. De setembro de 2015 a junho de 2016 foi Subdiretor da DA. De 14 de junho de 2016 até 26 de fevereiro de 2018 foi Diretor da DA, Superintendente das Finanças de 27 de fevereiro de 2018 a 6 de janeiro de 2022 e Inspetor-geral da Marinha entre 7 de janeiro de 2022 e 15 de março de 2023.

Possui curso *Foreign Officers Supply Course* da *US Navy Supply Corps School* (1995), o Curso Geral Naval de Guerra, do extinto Instituto Superior Naval de Guerra (ISNG) (1998) e o Curso de Promoção a Oficial General (2014/2015).

Em 2002 obteve o grau de mestre em Estudos Africanos, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Da sua folha de serviços constam diversos louvores e condecorações, entre as quais a de Grande-Oficial da Ordem Militar de Avis.



# NRP BARTOLOMEU DIAS

## ESCOLTA A PORTA-AVIÕES NO MAR MEDITERRÂNEO

Entre os dias 28 de abril e 22 de maio, o NRP *Bartolomeu Dias* esteve em missão no mar Mediterrâneo, no âmbito da *European Carrier Group Interoperability Initiative* (ECGI), integrado nos grupos de escoltas ao porta-aviões inglês HMS *Prince of Wales*, no quadro da Operação HIGHMAST, liderada pelo Reino Unido, e, posteriormente, ao porta-aviões italiano ITS *Cavour*, durante a realização do exercício MEDITERRANEAN STRIKE 25 (MEDSTRIKE 25). No dia 15 de maio, o navio participou ainda nas celebrações do trigésimo aniversário da *European Maritime Force* (EUROMARFOR), no porto de Civitavecchia, em Itália. Nesta missão, o navio contou com um efetivo de 166 militares, nos quais se incluiu um Destacamento de Helicópteros (com o *call sign Haddock*), uma equipa de mergulhadores sapadores e um oficial Médico Naval.

### OPERAÇÃO HIGHMAST 25

A ECGI é uma iniciativa multinacional que visa aumentar a capacidade das marinhas europeias de operarem de forma combinada em grupos de escolta a porta-aviões, promovendo a interoperabilidade através de cooperação, treino conjunto e desenvolvimento de procedimentos comuns. No âmbito desta Iniciativa, os grupos de escolta a porta-aviões europeus podem ser empenhados em operações multinacionais, da UE ou da NATO.

A fragata *Bartolomeu Dias* participou na primeira fase da operação HIGHMAST, durante o trânsito do grupo de escoltas ao porta-aviões HMS *Prince of Wales* do Atlântico para o Mar Mediterrâneo, no período de 28 de abril a 4 de maio. Esta primeira fase teve como finalidade promover a integração e a interoperabilidade entre as várias unidades navais constituintes deste grupo de escoltas, nomeadamente: ESPS *Mendez Nunez* (Espanha); HNoMS *Maud* e HNoMS *Roald Amundsen* (Noruega); HMCS *Ville De Quebec* (Canadá); USS *Forrest Sherman* e USS *Truxtun* (Estados Unidos da América); HMS *Prince of Wales*, HMS *Dauntless*, HMS *Richmond*, RFA *Tidespring* e RFA *Tideforce* (Reino Unido).

Durante este período da operação, o NRP *Bartolomeu Dias* teve a oportunidade de realizar vários exercícios com os referidos navios, com destaque para a condução de exercícios de defesa aérea, guerra antissubmarina, ameaça assimétrica e operações de reabastecimento no mar. Em paralelo, e com o objetivo de manter os padrões de prontidão operacionais, foram realizados ainda exercícios internos de treino próprio, tais como combate a incêndios, alagamentos, avaria no sistema de governo e recolha de homem-ao-mar.

### EXERCÍCIO MEDITERRANEAN STRIKE 25

Seguidamente, entre os dias 5 e 11 de maio, o NRP *Bartolomeu Dias* participou no exercício MEDSTRIKE 25, o qual visou, por um lado, incrementar o treino e a resposta das unidades participantes face à presença de ameaças aéreas, de superfície, de subsuperfície e assimétricas, e por outro, certificar o grupo de escoltas ao porta-aviões HMS *Prince of Wales* para a próxima fase da operação HIGHMAST – o trânsito no Mar Vermelho, através do teste à sua capacidade de resposta e interoperabilidade entre os escoltas que o constituem.

Durante este exercício, a fragata *Bartolomeu Dias* integrou o grupo de escoltas ao porta-aviões italiano ITS *Cavour*, constituído pelos navios da Marinha italiana ITS *Comandante Borsini*, ITS *Francesco Mimbelli*, ITS *Carlo Bergamini*, ITS *Carabiniere*, ITS *Alpino* e ITS *Scire*. Este exercício, além dos navios descritos acima e dos navios integrantes do grupo de escoltas ao porta-aviões HMS *Prince of Wales*, contou também com a participação do submarino FS *Perle* (França), TCG *Kemalreis* (Turquia), ESPS *Patiño* e o ESPS *Álvaro de Bazán* (ambos de Espanha), estes três últimos fazendo parte da *Standing NATO Maritime Group 2* (SNMG2).

No dia 11 de maio, para encerramento do exercício MEDSTRIKE 25, as duas forças juntaram-se para realizar o tradicional PHOTEX, concretizando uma oportunidade de fotografia ímpar, ao reunir os 25 navios participantes numa formatura única.





### 30º ANIVERSÁRIO DA EUROMARFOR

A fase final da missão levou o NRP *Bartolomeu Dias* ao porto de Civitavecchia, na província de Roma, em Itália, para as celebrações do trigésimo aniversário da EUROMARFOR<sup>1</sup>, no dia 15 de maio, em conjunto com delegações de navios dos três outros Estados-membros desta força naval, nomeadamente do ITS *Margottini* (Itália), do FS *Commandant Birot* (França) e do ESPS *Santa Maria* (Espanha). A cerimónia foi organizada pela Marinha italiana, atualmente com funções de comando desta organização, a bordo da fragata italiana ITS *Margottini*, e contou com representantes dos quatro Estados-Membros.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminadas as celebrações, o NRP *Bartolomeu Dias* largou do porto italiano rumo à Base Naval de Lisboa (BNL), por forma a preparar-se para o próximo empenhamento operacional, a integração na SNMG1, no período de 26 de maio a 22 de agosto.

Durante os 25 dias de missão, a fragata *Bartolomeu Dias* e os seus militares foram diariamente testados, postos à

prova e desafiados num contexto exigente e dinâmico. Este período de elevado empenhamento trouxe oportunidades de treino únicas, com o navio a integrar e interagir com grupos de escoltas a dois porta-aviões distintos e de elevada prontidão, o que contribuiu significativamente para melhorar a capacidade de resposta do navio e da sua guarnição aos desafios futuros, com a sua integração na SNMG1, que operará no Atlântico Norte e no Mar Báltico. Para a Marinha, esta missão permitiu acompanhar de forma próxima as manobras e procedimentos táticos de forças navais, permitindo a recolha de ilações e observações para continuar a integrar esta tipologias de forças. Por outro lado, a Operação HIGHMAST demonstrou a sua relevância para a NATO, para a União Europeia e para as forças armadas dos países envolvidos, não só pela participação de dois porta-aviões, e respetivas unidades de escolta, mas pela forma assertiva como ficou patente a prontidão da Aliança para responder rapidamente, e de forma coesa, a qualquer ameaça, assegurando a sua capacidade de manutenção da paz e estabilidade mundial em tempos de crescente incerteza geopolítica.

De regresso à BNL, os 166 militares do NRP *Bartolomeu Dias* contaram com quase 530 horas de navegação, vários exercícios realizados, a experiência de operarem com forças de outros países, e o sentimento de dever cumprido para com os compromissos nacionais perante a NATO e a União Europeia, levando além-fronteiras o brio e a garra dos marinheiros portugueses.



Colaboração do **COMANDO DO NRP BARTOLOMEU DIAS**

#### Notas

<sup>1</sup> A EUROMARFOR é uma força naval multinacional, não permanente, criada em 15 de maio de 1995, para dar resposta aos desafios de segurança e defesa identificados pelos seus Estados-membros. Está vocacionada para desempenhar tarefas nos domínios de gestão de crises, segurança cooperativa e segurança marítima. Atualmente, a EUROMARFOR possui quatro operações navais ativas, em três áreas geográficas, designadamente duas no mar Mediterrâneo, em apoio à operação NOBLE SHIELD, uma no golfo da Guiné e uma no oceano Índico, em suporte à operação ATALANTA.





# “ATLANTIC POLEX.PT 2025”

## EXERCÍCIO DE COMBATE À POLUIÇÃO NA HORTA

A Direção de Combate à Poluição do Mar, da Autoridade Marítima Nacional, organizou, entre os dias 7 a 9 de maio, o exercício anual de resposta a incidentes de poluição no mar “ATLANTIC POLEX.PT”, que este ano decorreu na cidade da Horta, na ilha do Faial, no arquipélago dos Açores.

Nesta edição, o exercício teve por base a simulação de uma colisão entre um navio tanque e uma traineira de alto mar, ao largo do porto da Horta, originando um incêndio, um rombo no casco com derrame de fuelóleo e, ainda, um ferido a bordo e um naufrago. O derrame de grandes proporções de fuelóleo, decorrente da avaria no sistema de abastecimento de combustível a um navio, dispersou-se pela zona interior do porto da Horta.

No primeiro dia, 7 de maio, foi simulada uma ação de busca e salvamento de um elemento da tripulação que cai ao mar, e posteriormente, a extinção do incêndio, tendo sido necessário evacuar o elemento que se encontrava a bordo. Foram ainda realizadas operações de contenção e recolha no mar, com recurso a um equipamento enviado pela Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA), com apoio de um rebocador da Portos dos Açores S.A.. O poluente foi simulado por pipocas por ser biodegradável e ter características e comportamento dinâmico semelhante ao do hidrocarboneto.

No dia 8 de maio realizou-se um seminário com o tema “Preservação do meio marinho”, no Auditório da Escola Secundária Manuel Arriaga, onde foram abordados vários assuntos relacionados com a poluição do meio marinho e onde foi também apresentado o exercício de combate à poluição do mar.

No último dia do exercício, 9 de maio, foram realizadas diversas ações de combate à poluição do mar na Horta, decorrente da simulação do incidente de poluição marítima, tendo sido empenhados meios de diversas entidades, em diferentes cenários, em terra e no mar.

O “ATLANTIC POLEX.PT” é um exercício anual de resposta a incidentes de poluição do meio marinho, que pretende testar o plano nacional de contingência contra incidentes de poluição nos diferentes tipos de cenários passíveis de ocorrer um incidente: no mar (*offshore*), no porto, em marinas e na praia.

O exercício contou com a presença do então Diretor-geral da Autoridade Marítima Nacional, VALM José Vizinha Mirones, do Presidente da Câmara Municipal da Horta, Carlos Ferreira, do Secretário Regional do Mar e Pescas, Mário Rilho de Pinho, do Diretor Regional de Políticas Marítimas, Rui Martins, entre outras entidades.

Esta edição contou com o apoio da Portos dos Açores, da Associação para o Desenvolvimento e Formação do Mar dos Açores – Escola do Mar dos Açores, do Observatório do Mar dos Açores, do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores, e ainda com o apoio e participação de diversas entidades nacionais e internacionais.



Colaboração da **DIREÇÃO-GERAL DA AUTORIDADE MARÍTIMA**



## GUINÉ-BISSAU

**O NARCOTRÁFICO E A LUTA  
POR ESTABILIDADE** PARTE 1

O século XXI está a assistir à ocorrência de uma nova ordem mundial, a desafios crescentes em matéria de segurança e a novas ameaças de carácter transnacional, como o terrorismo, a criminalidade organizada, a pirataria, a proliferação de armas ilícitas, o tráfico de droga e de seres humanos e relações internacionais cada vez mais sofisticadas. O agravamento das preocupações com a segurança das relações transnacionais constitui um fenómeno que corresponde às inúmeras transformações económicas, sociais e políticas ocorridas no mundo pós-Guerra Fria, salientando esta nova ordem com resultado na invasão da Rússia à Ucrânia.

**O CONTINENTE AFRICANO**

Nos alvares da civilização, a defesa e a segurança foram um dos maiores desafios que a humanidade enfrentou e são, por conseguinte, um dos maiores desafios do nosso tempo, dado que num mundo caracterizado pelos conflitos de interesses geopolíticos e geoestratégicos das grandes potências e pelo alinhamento de vários atores, é fundamental compreender a interligação dos interesses no terreno e dispor de capacidades inovadoras. No continente africano, a instabilidade política está relacionada com elementos internos e externos e é definida como uma propensão permanente para a alternância de governos, constitucionais ou não.

No plano interno, a elite dirigente tenta limitar o movimento e o crescimento de novas elites para impedir o regresso ao equilíbrio social, manipulando o controlo daquilo que são os recursos do Estado segundo o seu interesse. Relativamente às causas externas, os conflitos de interesses geopolíticos e económicos da comunidade internacional em África, se os seus interesses forem ameaçados, irão minar os esforços internos para restaurar a estabilidade política, sendo que estes acontecimentos ou conflitos não têm a ver com a questão da legitimidade, que está ligada às raízes da soberania, mas com a localização efetiva do poder, que pode ou não ser legítimo.

Em África, a estabilidade política foi constantemente comprometida pela cobiça dos ricos recursos e interesses do continente, e esta instabilidade política tem várias origens e pode surgir de diferentes formas: uma delas é a falta de mobilidade social e a ausência desta gera insatisfação, protestos ou mesmo guerras civis, 4 provocadas por desigualdades horizontais. A especificidade desta instabilidade política pode ser causada por políticos que reagem a mudanças estratégicas no processo eleitoral ou por uma inexistência

de acordo e consenso sobre uma questão devido a diferenças políticas.

A delimitação das fronteiras dos Estados africanos foi feita em 1885 ignorando a identidade das estruturas organizacionais socioculturais tradicionais, o que levou ao aparecimento de grupos étnicos e linguísticos distintos no território dos Estados pós coloniais. Atualmente, várias linhas teóricas e analíticas consideram este fator como a principal causa de instabilidade política em alguns países africanos, como a Guiné-Bissau.

A Guiné-Bissau localiza-se na África Ocidental, limitando-se a norte com o Senegal e a Sul com a República da Guiné-Bissau. O país tem uma área de 36.125 km<sup>2</sup>, incluindo as ilhas de Bijagós, e em 2005, a ONU estimou a população em 1.586.000 habitantes, em que a idade média é de 19,1 anos e a esperança de vida é de cerca de 47 anos (Rodrigues, 2011).

**A emergência das novas ameaças obriga a comunidade internacional a empenhar-se, a repensar e a analisar as questões de defesa e segurança, especialmente em áreas estrategicamente importantes como o Golfo da Guiné.**

A pluralidade ideológica, política, social e cultural da Guiné-Bissau é típica de uma sociedade etnicamente multicultural, mas os frequentes golpes de Estado e assassinatos de militares, políticos e civis são uma prova clara da grave instabilidade política. Luís Cabral tornou-se o primeiro Presidente da Guiné-Bissau após a independência em 1973, mas seis anos passados, em 14 de novembro de 1980, foi destituído por um golpe militar.

A Guiné foi forçada, no início dos anos 90, pela influência dos doadores, a iniciar um procedimento de liberalização política, tendo as primeiras eleições democráticas sido realizadas em junho e agosto de 1994. As primeiras bombas caíram em Bissau e nos seus arredores a 7 de junho de 1998, desencadeando um conflito político-militar sem precedentes e uma violência não provocada causada por reformas pouco claras das forças armadas e pelas lutas pelo poder que continuam a verificar-se. Com efeito, a Guiné-Bissau possui ligações antigas ao mundo do crime: nos anos 80, comandantes ligados ao Movimento das Forças Democráticas de Casamança (MFDC) traficavam armas e, mais recentemente, drogas provenientes do continente americano (Pereira, 2020).

As dificuldades da situação socioeconómica da Guiné-Bissau e a inexistência de mecanismos institucionais legais e judiciais de combate ao narcotráfico são também sérios obstáculos à estabilidade política e ao desempenho económico do país, devido à sua localização geográfica na costa ocidental de África (Barros, 2014).

O problema da falência do Estado não é novo na Guiné-Bissau, e sendo que a situação é muito grave e urgente porque as forças armadas têm monitorizado e acompanhado todos os movimentos governamentais ao longo das últimas décadas, e todos os governos guineenses tiveram grandes dificuldades em estabelecer uma governação profícua.

O clima de instabilidade política na Guiné-Bissau caracteriza-se pela concorrência entre as forças civis e militares, o que conduziu a uma sobreposição das forças militares e civis, ilustrada pelos numerosos golpes de Estado e intervenções militares, sendo que tal instabilidade política e militar está na base da instabilidade económica causada pela desigualdade económica entre a elite dirigente e a população. O declínio do nível de vida e a pobreza generalizada alimentam o descontentamento social e comprometem as iniciativas da sociedade civil para estabelecer a democracia e o Estado de direito (Gonçalves, 2011).

A turbulência política guineense assumiu uma nova dimensão com a introdução do sistema multipartidário, sendo que entre 1990 e 2018, o país teve 21 primeiros-ministros, com uma média de 1,25 por ano entre 1994 e 2018. A república teve 7 presidentes, incluindo um presidente interino e um presidente provisório, de um total de 49 partidos políticos legalmente registados. Todavia, a governação é desordenada nos diversos setores da política e da administração do Estado (Pinto, 2019).

O conceito de “governação” ou “boa governação” desempenha um papel importante na ciência política. O termo “governação” ou “boa governação” refere-se a um modelo alternativo à organização hierárquica clássica do Estado, baseado numa estrutura de relações horizontais do setor público com uma autonomia administrativa crescente. O termo tem muitos entendimentos e interpretações que se adaptam a diversas interpretações (Nau, 2021).

A governança está relacionada com a eficácia e eficiência organizacional da política exercida pelo Estado em matéria de crescimento económico, estabilidade e bem estar da população. A estrutura instável do Estado, a herança negativa da era colonial que ainda caracteriza a sociedade guineense e o baixo nível de desenvolvimento humano na Guiné-Bissau são fatores importantes que constituem a causa da persistência da instabilidade política. Os aspetos geopolíticos e geoeconómicos não devem ser esquecidos (Sousa, 2018).

Para além da governação e boa governança, outro elemento fundamental para este trabalho é o conceito de segurança, nomeadamente a segurança marítima. O meio marinho sempre desempenhou um papel económico importante enquanto fornecedor de recursos essenciais, mas é também uma importante via de transporte de mercadorias e de comércio e facilita o turismo marítimo. Na atualidade, define-se segurança como a inexistência de ameaça ou baixa probabilidade de dano aos bens adquiridos e pode ser discutida sob várias perspetivas: individual, nacional e internacional, bem como sob vários setores: militar, económico, político, ambiental e social (Piedade, 2018).

Para qualquer país, a segurança representa um ativo inestimável que necessita de uma atenção permanente para tomar medidas que possam evitar a sua deterioração, que em consonância com a insegurança tem consequências

negativas para um país, deve ser considerada uma prioridade. Na África Ocidental, os conflitos e as catástrofes começaram a ter consequências negativas para a segurança nacional, regional e mundial (Cajarabille, 2009).

A orientação exclusivamente militar dos conceitos de segurança existentes foi motivada pelo paradigma estabelecido durante a Guerra Fria, que começou a centrar-se mais no domínio marítimo. Como podemos verificar, a segurança é o resultado de uma exploração adequada de diferentes aspetos, sejam eles sociais, militares, energéticos, políticos, económicos ou outros. Estes fatores são necessários para garantir outros princípios que assegurem a redução das ameaças (Rodrigues, 2011).

Vários conceitos diferentes de segurança marítima têm sido utilizados nos estudos de segurança, uma vez que a maioria das questões relacionadas com a segurança marítima são muito recentes e, portanto, não existe um conceito uniforme. Por isso, é necessário, em primeiro lugar, clarificar o contexto em que o conceito de segurança é utilizado. Com efeito, a existência de controvérsia relativamente à conceção de segurança marítima decorre de diferentes abordagens, por exemplo, a segurança marítima deve ser definida como a inexistência de ameaças, designadamente o terrorismo, a pirataria, o contrabando, o crime organizado, a pesca ou os estragos no meio marinho, mas não se pode negar que existem lacunas significativas nesta interpretação, uma vez que não existe consenso ou solução para as ameaças identificadas (Piedade, 2018).

A noção de proteção do transporte marítimo abrange a manutenção da liberdade dos mares, a promoção e a proteção do comércio e a manutenção da boa governação no mar. É complementarmente constituído pelos componentes incluídos no conceito de segurança marítima: manutenção da paz e da segurança internacional e nacional, soberania, integridade territorial e independência política, segurança das comunicações marítimas, proteção contra a criminalidade marítima, segurança dos recursos, acessibilidade aos recursos e fundos marinhos, proteção do ambiente e salvaguarda da segurança de todos os marinheiros e pescadores.

O conceito de segurança marítima engloba, assim, vertentes da proteção dos recursos marinhos e das atividades no meio marinho, questões que afetam o domínio marítimo em águas interiores, territoriais ou internacionais, e ultrapassa os conceitos tradicionais de segurança para incluir características estruturais e logísticas das forças navais



e militares, bem como diferentes contextos geopolíticos (Sampaio, 2019).

Todas estas incidências de cariz multidisciplinar adstrito ao Estado guineense servem como base para este trabalho que pretende perceber de que forma é que a abordagem política nacional tem vindo a procurar combater o tráfico de droga num dos pontos principais de canalização destes produtos ilícitos, nomeadamente o Golfo da Guiné.

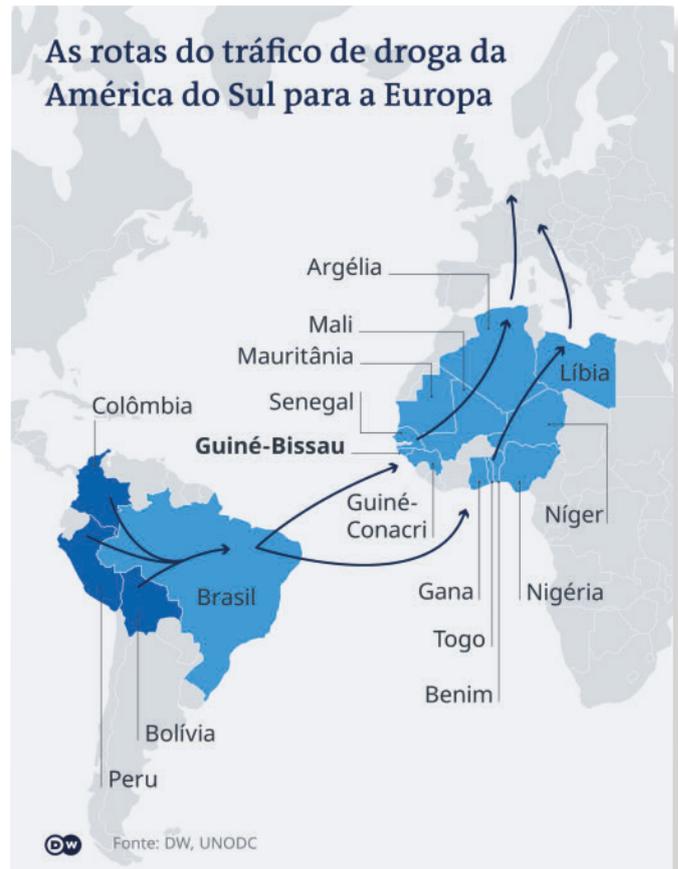
## ESTADO FRÁGIL POTENCIANDO A ROTA DA DROGA

A Guiné-Bissau enfrenta uma crise de governabilidade há décadas. Desde a independência, em 1973, a alternância entre governos civis e militares resultou numa estrutura política volátil e desprovida de instituições fortes. Esta instabilidade tornou-se um terreno fértil para o narcotráfico, um fenómeno que começou a ganhar expressão início do milénio. A localização do país, aliado ao seu fraco controlo fronteiriço e ausência de fiscalização marítima, transformou-o num ponto-chave para o tráfico de drogas entre a América Latina e a Europa.

Nos últimos anos, diversas apreensões de droga têm evidenciado o papel da Guiné-Bissau neste circuito global. Em 2019, mais de 1,8 toneladas de cocaína foram apreendidas pelas autoridades nacionais e internacionais, em especial com enfoque para o papel da *Drug Enforcement Administration* (DEA), num dos maiores carregamentos apreendidos na história do país. No entanto, tais operações de combate ao narcotráfico são frequentemente vistas como ações pontuais, incapazes de desmantelar a estrutura que sustenta este comércio ilícito.

A influência de cartéis latino-americanos nas regiões interiores e litorais do país, aliados a redes criminosas locais e à cumplicidade de setores militares e políticos, perpetua um ciclo de impunidade. A economia do narcotráfico integra-se nos circuitos financeiros do país, com um ecossistema costeiro corrompendo altos funcionários e financiando atividades ilícitas que minam os esforços de construção de um Estado funcional.

O Golfo da Guiné, onde se insere a Guiné-Bissau, é uma das regiões mais ricas em recursos naturais do continente africano. A sua posição estratégica faz dela um centro de interesses internacionais, não apenas pelo petróleo e gás,



mas também pelo seu potencial como rota comercial e de abastecimento energético para o Ocidente. No entanto, a insegurança marítima, a pirataria e o tráfico de drogas representam desafios constantes para a estabilidade regional.

O arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau, desempenha um papel significativo como ponto de entrada para a cocaína. Por exemplo, a ilha de Caravela foi utilizada como local de transbordo para 1,9 toneladas de cocaína em setembro de 2021. Após a chegada ao país, a droga é frequentemente transportada por via terrestre através do Senegal ou da Guiné-Conacri, seguindo em direção ao Mali e, eventualmente, alcançando o mercado europeu.



**Dr.º Paulo Daniel Dias**  
Assessor do Comandante-geral da Polícia Marítima

### Bibliografia

BARROS, Manuel Correia (2014). A Segurança no Golfo da Guiné: Uma visão marítima angolana. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.

CAJARABILLE, Victor Lopo (2009). A segurança no mar português. Revista Nação e Defesa, 122.

GONÇALVES Sara João (2011) «O Estado Falhado enquanto Espaço de Edificação do Crime Organizado Transnacional-O Caso da Guiné-Bissau», Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

NAU, A. (2021). Segurança Interna e a Criminalidade Organizada Transnacional: O Narcotráfico na Guiné-Bissau. Lisboa: Instituto de Estudos Militares.

UZOECHINA, O. (2013) Reforma e Governação do Setor de Segurança na África Ocidental: Dos Conceitos à Realidade, publicado pelo DCAF (Geneva Centre for Security Sector Governance).

PEREIRA, F. A. (2020). A inserção de um pequeno Estado: Análise sobre a capacidade estatal da Guiné-Bissau. Canoas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PIEIDADE, João (2018). Que Segurança Marítima Temos e Queremos-Segurança Marítima e os Estudos de Segurança. Relações Internacionais, 57.

PINTO, A. (2019). Os desafios de segurança e defesa em África. Negócios Estrangeiros, 20, pp. 7-15.

RODRIGUES, Alexandre Reis (2011). A segurança no Golfo da Guiné. Jornal de Defesa e Relações Internacionais.

SAMPAIO, Henriqueta (2019). Portugal, CPLP e o Mar: Diplomacia marítima no Golfo da Guiné. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Lisboa.

SOUSA, Hamilton (2018). A Segurança Marítima no Golfo da Guiné: a arquitetura atual e o contributo da união europeia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

UNODC (2016). Programa Regional para a África Ocidental 2016-2020: Para Apoiar o Plano de Ação da Comunidade Económica da África Ocidental (CEDEAO) para a Luta Contra o Tráfico Ilícito de Drogas, Crime Organizado e Abuso de Drogas na África Ocidental 2016-2020. Dakar: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC).



# INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL DAS FORÇAS ARMADAS

## 233 ANOS A SERVIR A FAMÍLIA MILITAR

*O Instituto de Ação Social das Forças Armadas (IASFA) é uma organização centenária a cuidar da família castrense, conhecida por uma dedicação e cuidados proverbiais para com os seus beneficiários. De facto, quem chega aos Centros de Apoio Social (CAS), encontra militares reformados e familiares, de boa cara, cumprimentos sorridente, companheirismo invulgar, onde se fala da família, mas também das campanhas de África, sem lamentos e queixas, é outro País, é outro Portugal!*

No passado dia 18 de junho, o IASFA assinalou o seu 233º aniversário a cuidar da família militar. Tudo começou em 1792 com o lançamento da primeira pedra do “Real Asylo de Inválidos Militares”, em Runa, pela mão da Sereníssima Princesa Maria Francisca Benedita, projetado pelo arquiteto régio José da Costa e Silva. A sua inauguração ocorreu em 25 de julho de 1827, tendo acolhido nesse dia 16 militares, dos quais 1 tenente de artilharia, 3 sargentos, e 12 cabos e soldados. As palavras dirigidas a estes militares pela Princesa Benedita ainda hoje podem ser lidas na placa de mármore no átrio central do edifício: *“Estimo ter podido concluir o hospital que mandei construir para descansar dos vossos honrosos trabalhos; em recompensa, só vos peço a paz e o temor a Deus”*.

Em 1958, e atendendo à existência de várias organizações sociais dispersas no seio das Forças Armadas, foram criados os Serviços Sociais das Forças Armadas (SSFA), por Decreto-Lei n.º 42072, de 31 de Dezembro de 1958.

Em 1995, por força do Decreto-Lei 284/95 de 30 de Outubro, os SSFA passam a designar-se Instituto de Ação Social das Forças Armadas (IASFA), sendo-lhe atribuído o estatuto de Instituto Público (IP). Os 13 Centros de Apoio Social do IASFA, na sequência deste diploma, passam a ter esta data de criação, com exceção do CAS Lisboa (4/9/2000), CAS Ponta Delgada (5/3/2002), CAS Funchal (17/08/2009) e CAS Viseu (11/12/2009).

### OS CENTROS DE APOIO SOCIAL

O **Centro de Apoio Social de Oeiras (CASO)**, merece destaque pela sua qualidade única em Portugal, partiu da iniciativa do então General João António Pinheiro, Presidente dos SSFA, que magistralmente idealizou – dando uma volta ao Mundo para esse efeito –, planeou e construiu este complexo para apoio aos Seniores dos três Ramos das Forças Armadas. Da história do então Complexo Social das Forças Armadas (COSFA) de Oeiras, constam as seguintes palavras do General Pinheiro: *“Muitos dos nossos militares que já estavam às portas da 3ª idade não se haviam ainda apercebido, ou não haviam ainda analisado corretamente a complexidade e as dificuldades que o envelhecimento acarreta. Havia necessidade urgente de encontrar uma solução que permitisse proporcionar aos nossos idosos um fim de vida mais tranquilo que ainda valesse a pena ser vivido...”*. A primeira pedra foi lançada em 7 de setembro de 1981, tendo o COSFA sido criado em 12 de maio de 1989.

O **Centro de Apoio Social do Porto** tem as suas raízes nos SSFA, sediado no Quartel-General da Região Militar do Norte, na Praça da República, Porto. Em meados de 1973 foi transferido para o Quartel das Portas do Sol, onde permaneceu até 1978, ano em que se mudou para Prédio Militar da Avenida de França. Em 1993 transitou para o Quartel do Bom Pastor, localizado em Paranhos, até ao presente, sofrendo profundas obras de adaptação às suas novas funções, que foram inauguradas em 5 de julho de 2002.

O **Centro de Apoio Social de Braga** tem a sua génese na Delegação de Braga dos SSFA, em 1970, nas dependências do Distrito de Recrutamento e Mobilização, Convento do Pópulo, em Braga, que esteve em funcionamento até dezembro de 1991. Nesta data passou a ocupar, até hoje, parte das instalações do então Centro de Recrutamento de Braga, na Rua Bernardo Cerqueira.



O **Centro de Apoio Social de Viseu** dá os seus primeiros passos, em novembro de 2005, como delegação do CAS de Coimbra, tendo em outubro de 2006 sido assinado um protocolo entre o Exército e o IASFA para a cedência das atuais instalações, no Palácio dos Silveiras, sito na Rua Direita em Viseu. Em 2009 passa a ter a designação de CAS Viseu, coabitando com o Gabinete de Atendimento Público de Viseu do Exército (GAP), e a Associação Viriatos.

O **Centro de Apoio Social de Coimbra** tem como origens a Delegação de Coimbra dos SSFA, instalada em 30 de setembro de 1970, no Quartel da Sofia em Coimbra, onde permaneceu até novembro de 2003. Em março de 2004 muda provisoriamente para um edifício na Rua de Moçambique, tendo sido transferido mais tarde, em março de 2008, para o número 90 da Rua Pedro Álvares Cabral até hoje.

O **Centro de Apoio Social de Tomar** tem a sua origem, em 1969, na Delegação dos SSFA, no antigo Quartel S. Francisco em Tomar, passando em 1971 para um edifício do Ministério do Exército, junto ao Tribunal Territorial Militar. Em 1996, instala-se em edifício da antiga Messe Militar de Tomar, e finalmente em 2003 é transferido para um prédio militar, sito na Avenida General Bernardo Faria até aos nossos dias. Dada a sua vasta zona de ação, tem um posto médico e gabinete de atendimento ADM na cidade de Abrantes.

O **Centro de Apoio Social do Alfeite** remonta ao Centro Social Médico e Educativo (CSMEA), criado em maio de 1957, por iniciativa da Ação Social da Armada (ASA), tendo para tal sido cedidos pela Marinha dois hectares de terreno da Base Naval do Alfeite, onde foram construídos cinco edifícios, sendo num deles instalada a Escola Primária do Alfeite, que viria a ter novo edifício em 1974. Em 2009, por força da extinção do Arsenal do Alfeite, passou o CAS do Alfeite a integrar uma Creche e um Jardim de Infância, situadas no Bairro Social do Alfeite.

O **Centro de Apoio Social de Lisboa** começou a sua atividade, em janeiro de 1999, um ano antes da sua entrada para o IASFA, na Rua de S. José, em Lisboa, nas instalações da antiga Cooperativa Militar, ocupando os edifícios do Palácio

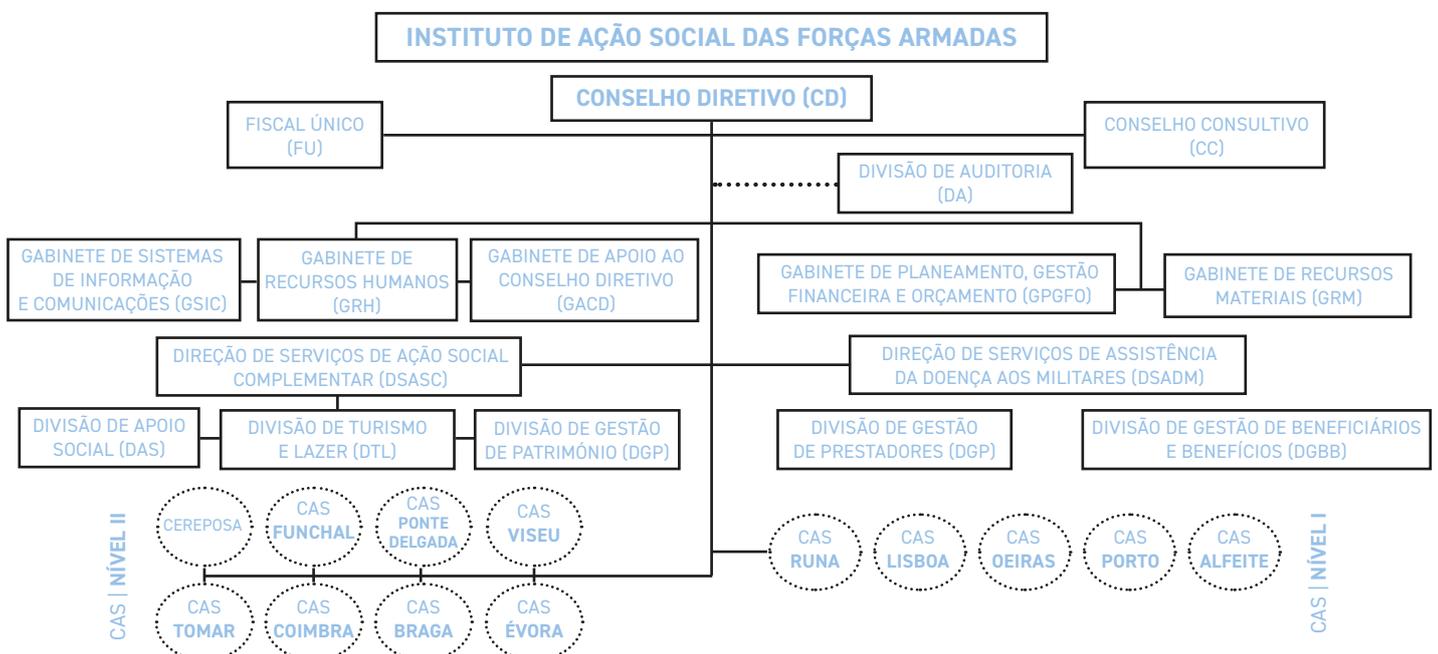
do Conde de Magalhães (Séc. XVIII), e do Palácio da Ordem Soberana de Malta (Séc. XIX).

O **Centro de Apoio Social de Évora**, cuja origem remonta a 1980, como Delegação de Évora dos SSFA, em dependências do “Quartel 28 de Maio”, ex-RAL3. Até 1992, esta Delegação teve a seu cargo funções do âmbito do serviço social, relativo a beneficiários residentes nos distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro. Em 1992, por força daquela antiga Unidade do Exército ter sido vendida à Universidade de Évora, muda para edifício na Rua Mestre Resende em Évora, até ao presente, inaugurado em setembro de 1993.

O **Centro de Apoio Social do Funchal**, tem como antecedente, em 1976, o Posto de Socorros da Guarnição do Funchal, instalado no edifício da Delegação de Recrutamento Militar do Funchal (DRMF), pertencente aos SSFA, sito na Rua da Carreira. Presentemente o CAS Funchal está sediado no Palácio de São Lourenço, construção militar concluída no decorrer da dinastia filipina. Este Centro presta apoio aos beneficiários da Região Autónoma da Madeira, Ilhas da Madeira e Porto Santo.

O **Centro de Repouso de Porto Santo** tem como origens, em 1960, um conjunto de instalações provisórias, denominadas de Colónia de Férias do Comando Territorial Independente da Madeira (CTIM), partilhado por beneficiários dos SSFA, que durou até 1974. Em 1977 é constituída a Colónia de Férias de Porto Santo, instalada e adaptada das instalações da Pensão Sol (antiga Pensão Baltazar), que em 1985 passou a ter a designação atual de Centro de Repouso de Porto Santo, tendo sofrido em 1987 obras de ampliação, ficando com a configuração que hoje apresenta.

O **Centro de Apoio Social de Ponta Delgada** remonta a 1968 quando existia a Delegação dos SSFA, a funcionar em dois polos: o do Exército, no Comando da Zona Militar dos Açores, Forte de S. Brás, e o da Marinha, no Comando da Zona Marítima dos Açores. Atualmente, o CAS de Ponta Delgada está colocado na área militar de S. Gonçalo, em instalações cedidas pelo Comando da Zona Militar dos Açores. Presentemente, um prédio militar situado na Rua





José Maria Raposo Amaral, em Ponta Delgada, onde funcionou o Distrito de Recrutamento e Mobilização, encontra-se em fase de remodelação, de modo a albergar as futuras instalações deste CAS.

## O IASFA NO TERRENO

A Revista da Armada foi conhecer a realidade do IASFA, e sentir como funciona esta Instituição no terreno, escolhendo dois CAS, o de Runa e o de Oeiras.

O **CAS de Runa**, onde tudo começou, a meia dúzia de km de Torres Vedras, que logo impressiona o visitante pelo seu edifício de três pisos, em forma de quadrilátero, exibindo no centro uma majestosa entrada para a sua Igreja, ladeada por colunas, num conjunto bem ao gosto austero e nobre do Séc. XVIII. O exterior é um verdadeiro convite à contemplação e repouso, com uma frondosa mata dotada de um circuito de manutenção, dispondo ainda de uma piscina e balneários, e instalações para férias. O piso inferior alberga os Serviços Administrativos, Atendimento ADM, SAMED (Serviço de Apoio Médico), Capela, biblioteca, museu, salas de estar, salão de jogos, restaurante, bar, e ainda uma série de úteis gabinetes de cabeleireiro, calista e esteticista.

No segundo piso encontra-se a Unidade Funcional 2 (UF2), para pessoas dependentes, 42 camas/18 quartos (duplos e individuais), e 2 enfermarias, sala de estar, sala de refeições, e várias salas e gabinetes para enfermeiros e auxiliares de ação direta, a funcionar 24 horas. O último piso acolhe a Unidade Funcional 1 (UF1), para pessoas autónomas, 54 camas/44 quartos (duplos e individuais), com WC privativo e mobília própria, sala de vigilante e, a espaços, alegres e apelativas salinhas de estar com vista exterior. Este piso acolhe ainda 5 quartos no conceito de Messe. Notável, e de realçar, a qualidade do serviço aqui prestado nestes dois andares desta ERPI, onde impera a boa conservação dos espaços e equipamentos, num apurado sentido profissional, e contagiante ambiente familiar. É proporcionado aos residentes uma miríade de atividades lúdicas de animação sociocultural como, por exemplo, às quartas-feiras têm sempre lugar animações culturais, tertúlias, sessões de leitura, existindo inclusive um jornal periódico, e ainda várias festividades de índole popular/religiosa. Externamente são proporcionadas visitas ao património cultural, passeios na região, e a participação na Peregrinação Militar a Fátima. Obrigatório uma visita à Igreja,

com uma curta nave e um generoso transepto, coroada por cúpula redonda frestada por 8 janelas, e nichos com esculturas de mármore de Carrara. Imperdível o seu invulgar Museu, onde pauta uma custódia de prata dourada e pedras preciosas, para além de um valioso acervo de paramentos e alfaias litúrgicas, crucifixos, retábulos, estátuas, quadros, um órgão de tubos portátil, e um oratório da Princesa Benedita.

O **CAS de Oeiras**, alcandorado num planalto na cota dos 30 metros, a dois passos da estação da CP de Oeiras, a voo de pássaro da linha costeira, com ampla vista para a foz do Tejo, Costa da Caparica e os contornos cinzentos da serra da Arrábida. Ocupa uma área de 5 hectares, onde se erguem cinco edifícios, dos seis inicialmente previstos, e onde residem e trabalham cerca de 700 pessoas. Vale a pena percorrer o seu espaço, de sábia implantação das suas construções, no que diz respeito a vistas e disposição solar, para além de um harmonioso arranjo paisagístico, onde proliferam várias espécies arbóreas e arbustivas. Notável a comunicação entre os edifícios por um acolhedor túnel subterrâneo, que protege os seus utilizadores das inclemências atmosféricas, e onde se localiza uma formosa Capela. O ERPI/Unidade Funcional (185 camas/quartos individuais e duplos), para pessoas autónomas, está distribuído por dois edifícios, de excelentes instalações, ambos dotados de zonas de convívio no piso inferior e, onde a Revista da Armada teve o privilégio de encontrar o SMOR Fausto

Diabinho, do Exército, 92 anos, que foi testemunha, e nos relatou a batalha do NRP *Afonso de Albuquerque*, aquando da invasão do ex-Estado da Índia... Adicionalmente nesta UF1 situa-se uma Messe Residencial, para alojamento temporário, e uma Residência Universitária para filhos dos beneficiários. Num dos edifícios situa-se, no piso inferior, o SAMED, uma Farmácia Militar e gabinete para recolha de análises clínicas. Nos três pisos superiores encontra-se o ERPI/Unidade Funcional 2 (171 camas), para pessoas dependentes, apoiados em cada piso por uma receção, sala de refeições, e gabinetes para enfermeiro e auxiliares de ação direta, que funcionam em permanência. Imponente é o edifício dos Serviços de Apoio Social (SASOC), que à entrada deixa ver o brasão de armas com o lema do IASFA *"Ali encontrareis socorro e forte esteio"*, onde impera um auditório de largas dimensões, funcionam a direção, serviços administrativos, financeiros e de apoio geral, e atendimento da ADM e Apoio Social.

## MISSÃO DO IASFA

Garantir e promover a Ação Social Complementar (ASC) dos seus beneficiários, e gerir o sistema de Assistência na Doença aos Militares das Forças Armadas (ADM).



Nada falta aos residentes: restaurante, *self-service*, bar, biblioteca, ginásio, salas de convívio, cabeleireiro, manicure e gabinete de costura. Realce para as atividades culturais e recreativas, fatores essenciais da convivência social entre residentes, familiares e cuidadores, onde não pautam eventos culturais e outros, visitas de estudo, passeios organizados e peregrinações religiosas.

## ACÇÃO SOCIAL COMPLEMENTAR (ASC)

Assegura ações de bem-estar social dos beneficiários, garantindo a satisfação das necessidades sociais não cobertas por outros sistemas de assistência social, promovendo a harmonização de prestações, concretizada através de:

### EQUIPAMENTOS SOCIAIS

Existentes em 13 Centros de Apoio Social (CAS) geograficamente distribuídos pelo Continente, e Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

### ERPI - ESTRUTURAS RESIDENCIAIS PARA PESSOAS IDOSAS

- Existem nos CAS de Oeiras, Porto e Runa, prestam alojamento coletivo, em regime temporário ou permanente, cuidados médicos e de enfermagem, e desenvolvem atividades de apoio social, estando organizados em duas unidades funcionais (UF):

**UF1:** destinadas a beneficiários autónomos ou com algum risco de perda de independência ou autonomia, ou com dificuldades em residir no meio familiar;

**UF2:** destinadas a beneficiários com dependência moderada ou grave que não reúnam critérios para serem admitidos na UF1.

### RESIDÊNCIAS ASSISTIDAS

- Apenas existem no CAS de Oeiras, em tipologia de apartamentos T0 a T2, dirigidas a beneficiários da ASC com idade igual ou superior a 65 anos, com condições de autonomia e independência.

### POSTOS CLÍNICOS SAMED (SERVIÇOS DE APOIO MÉDICO)

- Os CAS de Oeiras, Lisboa, Alfeite, Runa, Tomar, Viseu, Porto e Ponta Delgada disponibilizam serviços de apoio médico que, na capacidade sobranter, são disponibilizados aos beneficiários externos. Dispõem de especialidades como Cardiologia, Clínica Geral, Fisiatria, Oftalmologia, Pneumologia, Terapia da Fala, Psicologia/Neuropsicologia e Medicina Interna;
- Os CAS do Alfeite, Oeiras, e Ponta Delgada realizam consultas e tratamentos de Estomatologia;
- Os CAS Oeiras, Alfeite, Porto e Ponta Delgada disponibilizam aos utentes Exames Auxiliares de Diagnóstico;
- Os CAS Oeiras, Runa Alfeite, Porto e Ponta Delgada disponibilizam também atos de Enfermagem.

### BERÇÁRIO, CRECHE, JARDIM-DE-INFÂNCIA, E CENTRO DE CONVÍVIO

- Estes três equipamentos apenas existem no CAS do Alfeite/Almada, dispendo ainda de um Centro de Convívio no qual são promovidas atividades sócio recreativas e culturais.

### Residências Universitárias

- Existem nos CAS do Porto, Coimbra e Oeiras, e destinam-se aos familiares de beneficiários que necessitem de realocação geográfica face ao concelho de residência.

### SUBSÍDIOS, COMPARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS

- Os Subsídios e Comparticipações do Serviço Social distribuem-se por apoios à Infância e Juventude, aos Adultos/Ativos e aos Seniores.

### INFÂNCIA E JUVENTUDE

- Subsídio Complementar de Nascimento (SCN), Subsídio de Transição Escolar (STE), Comparticipação de Apoio Escolar (CAE), Comparticipação Especial para Apoio na Deficiência (CEAD)

### JOVENS E ADULTOS

- Subsídio Complementar por Carência Económica (SCCE), Subsídio Complementar Extraordinário (SCE)

### SENIORES

- Subsídio Complementar de Apoio de 3ª Pessoa (SCAP), Subsídio Complementar para Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (SCERPI)

### APOIO À HABITAÇÃO - ARRENDAMENTO SOCIAL

Concretizado pela promoção do arrendamento social, com a atribuição de casas de renda económica do IASFA, através de concursos, de 159 prédios localizados no Continente (Porto, Águeda, Coimbra, Leiria, Tomar, Abrantes, Vila Franca de Xira, Odivelas, Lisboa, Amadora, Sintra, Queluz, Moita, Almada, Évora e Elvas), e no Arquipélago dos Açores (Ponta Delgada):

- Arrendamento de fogos habitacionais em regime de renda económica, lojas, parqueamentos e garagens, em regime de renda livre;
- Concurso por inscrição para a atribuição de frações devolutas carecidas de obras.

### TURISMO E LAZER

- Atividades de lazer, turismo e férias, alojamento temporário, restauração, em território nacional e no estrangeiro, mediante reserva na Divisão de Turismo e Lazer / IASFA.
- CAS Runa, Oeiras, Porto e Centro de Repouso de Porto Santo;
  - Messes do Exército (na capacidade sobranter) do Algar-



## DISTRIBUIÇÃO DE BENEFICIÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO COMPLEMENTAR POR RAMO - 2024

	BENEFICIÁRIOS TITULARES					BENEFICIÁRIOS FAMILIARES				
	MILITARES QP	MILITARIZADOS	DEFICIENTES	CIVIS	TOTAL	CÔNJUGES	DESCENDENTES	OUTROS	TOTAL	TOTAL
<b>MARINHA</b>	14 656	1 766	128	34	16 584	13 572	13 338	278	27 188	43 772
<b>EXÉRCITO</b>	14 212	318	1 901	135	16 566	15 487	11 955	187	27 629	44 195
<b>FORÇA AÉREA</b>	8 383	0	142	28	8 553	7 177	7 419	120	14 716	23 269
<b>IASFA</b>	0	0	0	132	132	22	1	0	23	155
<b>TOTAL</b>	<b>37 251</b>	<b>2 084</b>	<b>2 171</b>	<b>329</b>	<b>41 835</b>	<b>36 258</b>	<b>32 713</b>	<b>585</b>	<b>69 556</b>	<b>111 391</b>

- ve (polos de Lagos e de Tavira), Évora, Porto, Caxias e Lisboa (polo Atena e polo de Santa Clara);
- Alojamento e férias no estrangeiro, através de consulta da lista do Liaison Comitee of Social Military Organisations (CLIMS), e outros países, a nível individual e de grupos;
- Utilização das infraestruturas turísticas e colónias de férias dos Serviços Sociais da Guarda Nacional Republicana;
- Hotéis protocolados;
- Campos de Férias Nacionais e Internacionais, organizado pelo CLIMS, para crianças dos 6 aos 14 anos.

### PROTOCOLOS

#### ENTIDADES PRESTADORAS DE SERVIÇOS:

Apoio Domiciliário (32), Apoio na Saúde (39), Casas de Repouso (48), Educação (21), Creches (2), Lazer (5), Financeira (3), Funerárias (2), Cabeleireiros (1), Outros (2)

#### ASSISTÊNCIA NA DOENÇA AOS MILITARES DAS FORÇAS ARMADAS (ADM)

A ADM é mais um subsistema de saúde nacional, ao serviço das Forças Armadas, que resultou da junção em 2006 da ADMA (Marinha), ADSE (Exército) e ADF (Força Aérea), sendo um sistema solidário de saúde, pois os descontos são feitos em função do que cada um ganha, mas os serviços/benefícios são iguais para todos.

#### TIPOS DE BENEFICIÁRIOS

- Titulares;
- Familiares ou equiparados;
- Extraordinários: Cônjugues com vínculo público, que optaram pela ADM;
- Associados: Conjugues que não têm vínculo público;

- ADM possibilita ainda a inscrição como beneficiários titulares, ao abrigo da Portaria 1034 de 2009, 11 de Setembro, relativa a acidentes de serviço, e doenças profissionais.

#### SERVIÇOS DISPONIBILIZADOS PELA ADM

- REGIME CONVENCIONADO  
O beneficiário recorre aos serviços dos prestadores de cuidados de saúde privados com acordo com a ADM, sendo obrigatório o copagamento, isto é, a parte que cabe ao beneficiário.
- REGIME DE LIVRE ESCOLHA  
O beneficiário escolhe o prestador de serviço, suportando à cabeça a despesa total, que depois envia para a ADM.

#### CONCLUSÃO

O IASFA é uma exemplar Instituição cuidadora dos militares e familiares dos "7 dias aos 97 anos", existindo devido ao labor, querer e profissionalismo de todos aqueles que lá trabalham, militares dos três Ramos das Forças Armadas, e pessoal civil, que têm servido esta nobre causa, sem esquecer os seus percussores, a Sereníssima Princesa Benedita e o Exército Português, por quem me curvo respeitosamente. O IASFA é para todas as idades, esperando que este artigo possa ter corrigido a ideia desta Instituição só para seniores.

O IASFA tem dificuldades e problemas, sabemos, mas é nosso, e temos de o apoiar inequivocamente!



**Abel Melo e Sousa**  
CFR REF



## GUERRA NO PACÍFICO

### IWO JIMA

A batalha por Iwo Jima, (operação DETACHMENT) que decorreu entre 19 de fevereiro e 26 de março de 1945, destacou-se como um dos episódios mais intensos e sangrentos da Segunda Guerra Mundial. Durante 36 dias de combates implacáveis, os **Marines norte-americanos** enfrentaram uma resistência feroz para conquistar 20 quilómetros quadrados de areia vulcânica negra. Foi o único confronto no teatro do Pacífico em que as forças dos EUA sofreram mais baixas do que o inimigo, testemunho da violência brutal e do custo humano desta operação anfíbia.

Localizada a cerca de 650 milhas náuticas a sudeste de Tóquio, Iwo Jima ocupava uma posição estratégica crucial uma vez que ficava a meio caminho entre o arquipélago Japonês e as bases aéreas aliadas nas Ilhas Marianas. Por isso, a ilha era o local ideal para estabelecer os aeródromos que serviriam de apoio às campanhas de bombardeamento do Japão. A sua ocupação seria não só a garantia de missões mais seguras, uma vez que permitia a utilização de aviões de escolta aos bombardeiros, mas também a possibilidade de aterragem de aeronaves em emergência. De facto, até ao final da guerra, mais de 2200 bombardeiros B-29, totalizando mais de 25 mil tripulantes, aterraram de emergência em Iwo Jima.

Pela primeira vez, os bombardeiros B-29 podiam, a partir de Saipan, alcançar as ilhas Japonesas e fazer ataques devastadores em várias cidades e complexos industriais. Por outro lado, as aeronaves japonesas baseadas em Iwo Jima poderiam intercalar os B-29, dar o alerta antecipado a Tóquio e contra-atacar bases americanas nas Ilhas Marianas. Assim, a 3 de outubro de 1944, o Estado-Maior Conjunto (JCS) deu luz verde à captura daquela ilha.

Iwo Jima foi a ilha mais fortificada que os Estados Unidos atacaram na Segunda Guerra Mundial. Se os benefícios estratégicos eram evidentes, os riscos de atacar aquela fortaleza vulcânica e escarpada, bem no interior das linhas defensivas japonesas, eram enormes. A tomada da ilha exigiria o domínio total do ar e do mar, uma superioridade tecnológica avassaladora, um planeamento criativo e uma execução anfíbia agressiva e sustentada.

Na manhã de 19 de fevereiro, às 09,30h, após dez semanas de bombardeamentos aéreos, as primeiras vagas de assalto desembarcaram sob fogo cerrado. A defesa japonesa, organizada pelo General Tadamichi Kuribayashi, evitou as linhas de defesa costeiras típicas e adotou a estratégia já ensaiada em Peleliu criando uma rede complexa de túneis e cavernas interligadas transformando a ilha numa labiríntica caixa forte inexpugnável. O momento mais icónico da batalha ocorreu a 23 de fevereiro, com a tomada do Monte Suribachi. A fotografia de Marines a erguer a bandeira dos EUA, captada por Joe Rosenthal, símbolo da coragem, da persistência e da liberdade, tornou-se uma das imagens mais emblemáticas do século XX.

O saldo da batalha foi devastador. Do lado americano, 5931 Marines perderam a vida e mais de 17.300 ficaram fe-



Bandeira americana a ser implantada no Monte Suribachi, Iwo Jima. Joe Rosenthal, dedica esta foto ao Almirante Nimitz em reconhecimento do avanço das forças americanas no Pacífico

Navy photo NH 58330 from the U.S. Navy Naval History Heritage Command

ridos. Do lado japonês, estima-se que dos cerca de 21.000 soldados japoneses que participaram nos combates, apenas 216 tenham sido capturados (a maioria trabalhadores coreanos forçados). A doutrina de combater até à morte, incentivada pelo comando japonês, explica o número ínfimo de sobreviventes.

Iwo Jima foi o expoente máximo da proficiência das operações anfíbias no Pacífico. As baixas americanas não foram fruto de falhas na doutrina, no planeamento ou na execução da operação. Representaram, sim, a consequência direta de uma defesa engenhosa e desesperada, conduzida pelo talentoso general Kuribayashi e pela sua guarnição disciplinada.

Inserida no contexto de uma campanha naval mais ampla, esta operação anfíbia representou um passo de gigante para o fim do conflito. Mais do que uma vitória militar, Iwo Jima representou uma prova extrema de sacrifício e resiliência presente no horror da guerra. O seu legado perdura como advertência sobre os custos da liberdade e a urgência da paz. Nimitz diria mais tarde: "Entre os homens que lutaram em Iwo Jima, uma coragem incomum foi uma virtude comum."



Piedade Vaz  
CFR REF



# OS TRÊS PILARES DA EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA



## TRADIÇÃO, LIDERANÇA E TECNOCRACIA

### PARTE 1

O mundo moderno começou a ser mais universal após Portugal se tornar o país pioneiro da expansão marítima mundial, com impacto na história e na herança cultural do nosso planeta. De entre as principais figuras da história de Portugal envolvidas nesta empresa, encontra-se, em posição de destaque, o bem conhecido Infante D. Henrique, Patrono da Escola Naval e figura de proa do NRP *Sagres*, frequentemente descrito como o genial idealizador do projeto expansionista da dinastia de Avis.

Mas será que a expansão marítima de Portugal resultou apenas da ação do Infante D. Henrique? Ou existiu uma estrutura de governação e autoridade, composta por pequenos grupos ativos, cujas condições facilitadoras e caracte-

rísticas dos intervenientes, também contribuíram para esse objetivo?

Este artigo foi elaborado para demonstrar que, além da liderança carismática do Infante D. Henrique, o início da expansão marítima portuguesa foi também sustentado por uma estrutura de autoridade tradicional, que incluiu a governação do Rei D. João I e seus descendentes, e por uma estrutura de autoridade tecnocrática formada por cientistas, conselheiros e navegadores, que tiveram um papel preponderante na estratégia de Portugal a partir do século XV.

Estes três pilares da expansão marítima de Portugal serão apresentados com mais detalhe em três partes distintas deste artigo.

Partida das naus

## O PILAR DA AUTORIDADE TRADICIONAL FACILITADORA DA ESTRATÉGIA

No início do século XV, Portugal inicia uma lenta recuperação social e económica após o colapso demográfico provocado pelas sucessivas guerras com Castela e pela peste que devastou o continente europeu. A guerra na fronteira terrestre levou o pequeno reino lusitano a voltar-se para o oceano, privilegiando a descoberta e a procura das trocas comerciais por via marítima. Apesar da sua marginalidade em relação aos grandes centros da Europa, Portugal, ao virar-se para o mar, desempenhou, através da expansão marítima realizada nos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II, um papel de relevância no plano patrimonial e na herança cultural do planeta. A conquista de Ceuta pelos portugueses, em 1415, efetuada com o propósito de proteger a costa portuguesa das incursões muçulmanas e de controlar o acesso ao Mediterrâneo, foi um passo decisivo na solução atlântica de Portugal, marcando o início do período de expansão marítima portuguesa.

Na época, reinavam D. João I e D. Filipa de Lencastre, que se destacaram pela estrutura de governação e pela sua predominância na vida pública portuguesa. Eram conhecidos pelo seu elevado grau de educação, sabedoria e princípios militares, valores que transmitiram aos filhos, incentivando nestes, novas formas de viver e agir. Uma das novas abordagens adotadas foi a valorização da escrita, como evidenciam as análises profundas e as teorias complexas presentes nas obras de D. Duarte e D. Pedro. O Rei e os seus descendentes não só promoviam a convivência intelectual e o intercâmbio cultural com escritores eclesiásticos, como

também prezavam a permuta de saberes, reflexões e técnicas, numa espécie de escola comunitária do século XV.

Os dois primeiros filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre, D. Branca de Portugal e D. Afonso de Portugal, morreram cedo, não atingindo a idade adulta.

O Infante D. Duarte, sucessor do pai no trono, nasceu em Viseu em 1391 e foi autor de várias obras relacionadas com política, poesia e caça. Embora tenha governado o reino por apenas cinco anos, fortaleceu a dinastia de Avis e apoiou a estratégia de expansão marítima do seu irmão, Infante D. Henrique.

Um ano após o nascimento de D. Duarte, nasceu em Lisboa o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, um dos príncipes mais clarividentes do seu tempo. Desejoso de conhecer o mundo e grande defensor do cristianismo e da expansão do Império, residiu na corte britânica, foi investido cavaleiro da Ordem da Jarreteira de Inglaterra e, além disso, exerceu a regência do Reino durante a menoridade do seu sobrinho, o futuro rei D. Afonso V.

Dois anos depois, em 1394, nasceu no Porto o Infante D. Henrique. Enquanto o Infante D. Pedro seria lembrado como o incansável peregrino que seguiu os caminhos de Cristo na Terra Santa, o Infante D. Henrique perseguiu desde cedo o sonho de explorar além-mar. Terceiro filho na linha de sucessão, D. Henrique era dinâmico e ambicioso demais para se contentar com um papel passivo. Entre outros títulos, foi Duque de Viseu e governador e administrador da Ordem Militar de Cristo, sucessora da Ordem dos Templários em Portugal. Esta circunstância permitiu



ao Infante dispor de mais um mecanismo para sustentar financeiramente a sua estratégia de expansão e fez com que a Cruz de Cristo, símbolo da Ordem, fosse ostentada nas velas dos navios portugueses que desbravaram mares desconhecidos, tornando-se até hoje num dos mais reconhecidos símbolos nacionais.

A Ínclita Geração, como foi apelidada por Luís de Camões nos *Lusíadas* para identificar os filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre, incluiu ainda D. Isabel de Portugal, nascida em Évora em 1397, que se casou com Filipe III, Duque de Borgonha e Conde de Flandres; D. João de Portugal, Condestável de Portugal, nascido em Santarém em 1400 e que sucedeu D. Nuno Álvares Pereira como administrador da Ordem de S. Tiago; e D. Fernando de Portugal, o Infante Santo, nascido em Santarém em 1402 e falecido em Marrocos em 1443, após o fracasso militar de tentar conquistar Tanger.

Todos estes príncipes se destacaram pela educação, habilidade militar e sabedoria, tendo as suas ações sido sustentadas por uma autoridade que lhes conferia legitimidade, solidez e continuidade. O seu alinhamento com as tradições da sociedade portuguesa foi essencial para o sucesso de suas estratégias, evidenciando que a autoridade não só legitimava as suas ações, mas também fornecia uma base sólida para alcançar objetivos a longo prazo. Como defendia Max Weber nas suas teorias do poder e da autoridade, a autoridade pode ser chamada de "tradicional" se a sua legitimidade for reconhecida pela virtude da pureza dos valores tradicionais. Esta teoria reflete-se na forma como D. João I, com grande prudência política, foi preparando D. Duarte para o futuro de Portugal, habituando-o aos encar-

gos da realeza, enquanto ia familiarizando os restantes descendentes com a ideia da continuidade dinástica. Enquanto isso, o Infante D. Henrique, fazendo parte de uma geração que viu o fortalecimento da nova dinastia, dedicava-se às questões marroquinas e atlânticas.

O apoio familiar à sua estratégia e às suas decisões - por parte do seu pai (até 1433), do seu irmão D. Duarte enquanto Rei (1433-1438), do seu irmão regente D. Pedro (1438-1448) e do seu sobrinho, o Rei D. Afonso V (até sua morte, em 1460) - permitiu que o Infante D. Henrique usufruísse, durante toda a sua vida, de uma estrutura de autoridade tradicional facilitadora da estratégia, um pilar essencial para o projeto da expansão marítima de Portugal, a partir do século XV.

  
Carmo Falcato  
CMG

#### Bibliografia

- Major, R. H. (1967). *The Live of the Prince Henry of Portugal*. London: Frank Cass and Company Limited.
- Monteiro, S. (2009). *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa, Vol I, Poder Naval à Escala Planetária 1139-1521*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Ruas, H. B. (2004). A Ínclita Geração. Em *História de Portugal, Os descobrimentos, O mar sem fim. A aventura* (Vol. IV, pp. 11-20). Amadora: Clube Internacional do Livro.
- Russel, P. (2000). *Prince Henry "The Navigator". A Live*. New Haven and London: Yale University Press.
- Weber, M. (1978). *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology, Vols I and II*. Berkley: University of California Press.



Naus, caravelas redondas e latinas das Descobertas

Desenhador: Artur Guimarães  
Fotografado por: Rui Salta | Museu de Marinha

# MEMÓRIAS DE AUSCHWITZ

## A HUMANIDADE EM REDENÇÃO

Gentes,  
Monumentos  
e Acontecimentos



**«A guerra é muito mais do que agressão e conquista, é uma suspensão dos controlos de “civilização”, um desencadeamento desmedido das forças de destruição. E quando se opõem, no jogo da vida e da morte, não são só os interesses e os furores, mas também o sentido do que é sagrado e maldito, do que é justo e do que é verdadeiro, quando os deuses combatem ao lado dos exércitos, a explosão vai até ao genocídio.»**

Edgar Morin

### TEAR DO TEMPO

Como foi isto possível? Perguntava, angustiado, o Papa Bento XVI (1927-2022), durante a meditação que efetuou na visita a Auschwitz (Oświęcim em polaco), em 2006. Da profundidade da alma, ecoou: Onde estava Deus nessa altura? Salto de fé. O limiar da graça assoma pelas interrogações mais dolorosas.

Localizado no sul da Polónia, perto de Cracóvia, entre Katowice e Wadowice, terra natal de S. João Paulo II (1920-2005), Auschwitz constitui uma fissura no tecido do cosmos, brecha insanável na memória coletiva. Uma pecha que flagela o espírito, ferrete no pungir da alma. Não podia ter acontecido!

No ano em que se assinalam oito décadas sobre a capitação alemã, destaca-se a libertação do complexo Auschwitz-Birkenau (1945-2025) e a morte da jovem Anne Frank (1929-1945), que também passou por aquele tenebroso lugar. Cumpre-se, igualmente, o cinquentenário do desaparecimento de Hannah Arendt (1906-1975), escritora e filósofa judia de origem alemã. Foi ela quem cunhou a expressão “banalidade do mal”, para caracterizar a sociedade que criou indivíduos amorais, que aceitaram e cumpriram todo o tipo de ordens com conformismo ou indiferença. Condição que abriu caminho à política de extermínio, levada a cabo naquele e noutros lugares de má memória para a humanidade.



Foto: Multimédia Centre - European Parliament



Atendendo à complexidade crescente da conjuntura internacional, o revisitar de fantasmas que julgávamos expurgados talvez não nos traga maior tranquilidade. Deixar-nos-á, porventura, mais vigilantes perante a aleatoriedade e a errância, no rumo e nas decisões, que parecem ter assolado as lideranças mundiais. Parafraseando William Shakespeare (1564-1616), é uma infelicidade da nossa época que os loucos conduzam os cegos.

As vagas que ditam as grandes transformações à escala global, começam por fazer caminho até ao momento em que já não podem ser ignoradas, processo cujo reconhecimento *ab initio* não é facilmente identificável. Na opinião de Hannah Arendt, «*o Homem é posto num mundo de mudança e de movimento como um começo novo*». Sendo o próprio tempo eivado de mudança, a profética canção *The Times They Are A-Changin'* permanece uma metáfora em incessante atualização. Visionário, Bob Dylan compunha em 1964 um hino versando a inevitabilidade da transformação perpétua, no qual enunciava inequívocos sinais. De forma algo premonitória, o historiador Tony Judt (1948-2010) identificava em 2008 muitos dos atuais focos de apreensão e temor: «*Graças a meio século de prosperidade e segurança, no Ocidente esquecemos os traumas políticos e sociais da insegurança em massa. E assim nos esquecemos do porquê de herdarmos esses Estados-providência, e o que os justificou. O medo está a surgir como ingrediente activo na vida política das democracias ocidentais. Medo do terrorismo, decerto; mas também, e de forma mais insidiosa, medo da rapidez incontrolável da mudança, medo da perda de emprego, medo de perder terreno para os outros numa distribuição de recursos cada vez mais desigual, medo de perder o controlo das circunstâncias e rotinas da vida quotidiana. E talvez, acima de tudo, medo de que não sejamos só nós que já não conseguimos moldar as nossas vidas, mas que também as autoridades tenham perdido o controlo, para forças fora do seu alcance. Poucos governos democráticos conseguem resistir à tentação de retirar vantagem política desse sentimento de medo. Alguns já o fizeram. Onde não deve ser surpresa assistir ao reaparecimento de grupos de pressão, partidos e programas políticos baseados no medo: medo dos estrangeiros; medo da mudança; medo das fronteiras abertas e das comunicações livres; medo da troca de opiniões desagradáveis. Podemos esperar mais posições destas nos anos vindouros, provavelmente destinadas a restringir o fluxo de bens e ideias, assim como de pessoas. As políticas de insegurança são contagiosas*».

No atual contexto de incerteza, olvidar Auschwitz seria ultrajar os que ali pereceram. E abdicar de utensilagem no identificar das ameaças que despontam. Desafios, dir-se-ia na pretérita conjuntura. Foi nesse sentido que Hannah Arendt enfatizou que «*nós corremos o perigo de esquecer, e um tal esquecimento significaria que, humanamente falando, nós viveríamos privados de uma dimensão: a que dá profundidade à existência humana. Porque memória e profundidade não são a mesma coisa, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelos homens senão pelo meio da recordação*».

## ARBEIT MACH FREI (O TRABALHO LIBERTA)

O subtítulo é a desafortunada frase que encima o pórtico de Auschwitz I, memorial de tempos aziagos. Ainda que de

forma efémera, terá servido para apaziguar os receios aos que ali chegavam, serenando, eventualmente, as consciências dos respetivos carrascos. Duas faces da mesma moeda, fundida no infortúnio.

Neste texto penitencial cotejamos o testemunho de Primo Levi (1919-1987), à época um jovem químico e membro da resistência italiana. Preso numa época caracterizada por improváveis desencontros, confessou a sua ascendência judaica. Deportado para Auschwitz, aí permaneceu até à libertação do campo pelo exército soviético. Foi um dos cerca de 7500 prisioneiros, entre os quais se contavam umas 700 crianças, que resistiram ao trabalho, à tortura, à fome e às doenças. Logo nas primeiras páginas da obra *Se Isto é um Homem*, partilhou a mensagem que era transmitida a todos aquando da chegada ao campo.

*Já não estão nas vossas casas, isto não é um santuário, daqui não se sai a não ser pela chaminé.*

Primo Levi (174517)

*É impossível de descrever o cheiro nauseabundo do ar e das cinzas expelidos pela chaminé.*

Samuel Althaus (73538)

*Estava a viver um pesadelo e tudo à minha volta era surreal.*

Nicolas Roth (A-17140)

*Milhares de deportados não resistiram à mudança súbita para este mundo antípoda, impossível de imaginar mesmo nos pesadelos mais alucinados.*

Szymon Laks (49543)

*Tudo o que era mau era literalmente possível. Não havia limites.*

Wladyslaw Bartoszewki (4427)

*Até então eu não fazia a ideia do que era o inferno. A ideia de inferno está muito para além da compreensão humana.*

Helena Jockel (A-16501)

Hoje, é-nos impossível saber o que passava na mente dos que chegavam a Auschwitz, após dias fechados em carruagens como gado. Não obstante, estamos em crer que terá sido Dante Alighieri (1265-1321) quem *avant la lettre* mais se terá abeirado desse sentimento de total incompreensão e perda, através da legenda que nos legou num dos pórticos do Canto I da *Divina Comédia*: «*A meio do caminho desta vida me vi perdido numa selva escura*».

Desprovidos de horizonte, o desalento apossava-se de todos, mesmo dos mais inconformados com a sua sorte. Na obra *O Homem em Busca de um Sentido*, o neurologista judeu vienense Viktor Frankl (1905-1997), um dos sobreviventes de Auschwitz, partilhou esse sentimento.

*Os presos dos campos tinham medo de tomar decisões e assumir qualquer tipo de iniciativas. Isto era o resultado de um sentimento muito forte de estarmos nas mãos do destino e de que não convinha influenciá-lo de maneira nenhuma, sendo antes conveniente deixá-lo seguir o seu curso.*

Viktor Frankl (119104)

*Um prisioneiro vomitou a salada e poucos minutos depois um outro juntou o vômito no chão e comeu-o.*

Stefan Kepa (799)

*O prato onde comia também servia para urinar.*

Ben Abraham (50627)

*A sede era tanta que queimava. Bebi a minha própria urina.*

Wanda Koprowska (37573)

*Devido à fome passei de 74kg para 40kg.*

Ernst Toch (79205)

*Para muitos dos que sobreviveram a comida tornou-se uma coisa quase mística.*

Thomas Buergethal (B-2930)

Resignados à realidade sombria, os testemunhos dos sobreviventes parecem conferir crédito à tese exposta, sete décadas antes, por Lev Tolstói (1828-1910) na obra *Ana Karenina*: «Não há condições de vida a que um homem não se possa acostumar, especialmente se as vir aceites por todos os que o rodeiam». Atestava, assim, a forma como o sentimento e a reação coletiva, condicionados pelo medo, moldam o comportamento e a vontade individual. Neste pressuposto, Hannah Arendt preconizava que o mal advém principalmente do não pensar, do cumprir de forma escrupulosa todas as ordens, situação em que incorreram muitos alemães, ao obedecer sem questionar. Coniventes com a *Endlösung* foram igualmente alguns dos líderes das comunidades judaicas e, sobretudo, os *kapo* ou "funcionários prisioneiros". Todos aprisionados na teia do mal.

## ENDLÖSUNG (SOLUÇÃO FINAL)

Auschwitz era uma realidade paralela, situada muito além da mais remota periferia humana. A ética e a moral sofreram ali o mais profundo revés na história da humanidade. Razão pela qual, decorridas oito décadas, visitar o tema, qualquer que seja o prisma, constitui uma empresa que ainda nos expõe, individual e coletivamente, a imenso sofrimento. O rol dos aspetos macabros perpetrados afigura-se inconcebível. Não podendo a miséria humana que ali se abateu ser alguma vez olvidada, não é menos importante que esta possa ser sequer, de alguma forma ou nalgum contexto, relevada. Uma vez que não pode ser extirpada, permanecerá, para todo o sempre, como mácula na memória da humanidade. O mal está feito, atingiu-se o nadir.

Nos campos de concentração e de extermínio foram eliminadas 13 milhões de almas humanas, entre as quais mais de 6 milhões de judeus. Tragédia abjeta, exacerbou ao limite a corrupção da consciência coletiva, cuja redenção a todos intima para expiação deste pecado inominável. Auschwitz simboliza tudo o que nos envergonha enquanto seres humanos. Representa as maiores atrocidades que o ser humano é capaz de cometer quando, de forma deliberada – leia-se, no pleno exercício do seu livre-arbítrio – firma pactos aziagos com o mal e abre caminho às trevas. Na sua essência, o total afastamento do bem e da luz é sinónimo da ausência de Deus. Não que Ele se tenha, de forma voluntária, afastado. Foi, pura e simplesmente, renegado pelo frenético *homo deus*, tendo, muito provavelmente, considerado que a Sua presença se havia tornado supérflua. Metaforicamente falando, se Deus havia expulsado Adão e Eva do paraíso, era chegada a hora dos seus descendentes excluírem Deus do mundo terreno. Doravante, cada um no seu reino.

O complexo Auschwitz-Birkenau era o maior campo de concentração e de extermínio, e elemento crucial da "solução final da questão judaica". Visava a eliminação em massa dos judeus e de outras categorias humanas previamente identificadas: criminosos, eslavos, ciganos, homossexuais, deficientes, etc. Foi o culminar de um processo que conheceu três etapas prévias. A primeira, posta em prática logo em 1933, na região do Reno e noutros lugares na Alemanha, zonas a *posteriori* declaradas *Judenrein*, isto é, livres de judeus. A segunda, executada na Alemanha, na Áustria e na Boémia, consistiu na migração forçada que levou ao êxodo de 250 mil judeus. A terceira, implementada no início da guerra e temporária, passou pela criação dos guetos nas cidades polacas. Como corolário, a Solução Final assentou no assassinio deliberado, com recurso à fome, à tortura, ao fuzilamento e às câmaras de gás, concebidas para o efeito. Atingiram o derradeiro aperfeiçoamento com o gás *Zyklon B*, em dezembro de 1941, numa aldeia polaca perto de Łódz. O processo seria otimizado em Auschwitz, com o trabalho, aliado à subnutrição, muito para lá dos limites da resistência física e psicológica. A partir de 1942, a cada dois dias chegavam três comboios lotados a Auschwitz-Birkenau. Cerca de 80% dos deportados, os mais vulneráveis, oriundos dos campos de trânsito nos países ocupados e considerados inaptos para o trabalho pelos médicos das *Schutzstaffel* (SS) – doentes, crianças, grávidas, deficientes, idosos – saíam das carruagens diretamente para as câmaras de gás. Os restantes eram tatuados e admitidos no campo. Um número, sem identidade. Sumariamente desumanizados. Ecos da sombra.



Fotos de CFR Ant3nio Manuel Gonçalves em Auschwitz



*Estendi o braço e recebi o número 143425. A partir de então era o meu nome.*

Felix Opatowski (143425)

*Com número gravado eu era propriedade do Terceiro Reich.*

Pierre Berg (172649)

*À noite não havia silêncio. De todas as direções chegavam gemidos e vozes estranhas, como num rádio mal sintonizado.*

Maria Jezierska (24449)

*Nenhuma de nós menstruou durante a estadia no campo e a maior parte demorou dois anos para voltar a menstruar.*

Katalin Neumann (s.n.)

*Pela primeira vez na vida senti que não fazia falta neste mundo.*

Mieczyslaw Bednarki (30951)

*Morrer não era o pior. Era a salvação.*

Dov Paisikovic (A-3076)

## EPÍSTOLA DE ESPERANÇA

Perto do final da estadia no compartimento secreto em Amsterdão, Anne Frank deixou no seu *Diário* uma mensagem de esperança, que infelizmente não teve oportunidade de viver.

*Quero ser útil e levar prazer a todas as pessoas, mesmo àquelas que nunca conheci. Quero continuar a viver depois da minha morte! E é por isso que estou tão grata a Deus por me ter dado este dom, que posso usar para me desenvolver e exprimir tudo o que está dentro de mim! Quando escrevo, consigo libertar-me das preocupações. A minha dor desaparece, o meu espírito reanima-se! [...] Vejo o mundo a ser lentamente transformado num deserto, ouço o trovão que se aproxima e que, um dia, nos destruirá também a nós, sinto o sofrimento de milhões de pessoas. E, contudo, quando ergo os olhos para o céu, tenho a sensação de que tudo vai mudar para melhor, de que esta crueldade acabará também, de que a paz e a tranquilidade regressarão novamente.*

Anne Frank (entre A-25060 e A-25271)

*Procurei sempre algo de positivo naquela situação impossível.*

Liliane Badour (75127)

*A distribuição do pão era para todos algo de sagrado*

Konstanty Piekarski (4618)

Descobertos no local onde viviam, Anne Frank e a família foram deportados para Auschwitz. Seis meses depois seguia, com a irmã Margot (1926-1945), para o campo de Bergen-Belsen, na Alemanha. Não resistiu à epidemia de tifo, acabando por falecer, com apenas 15 anos, escassos dois meses antes do campo ser libertado pelo exército britânico.

*Quando estávamos a carregar tijolos, o nosso rosário era uma ajuda valiosa. Não era um milagre, mas ajudava a desviar a nossa mente para outro pensamento.*

Adam Ziemia (21855)

*No hospital, um pequeno crucifixo era o objeto mais venerado e o tesouro mais precioso, permanentemente passado de mão em mão. Trazia expressões de paz aos rostos rígidos dos moribundos.*

Zofia Kossak (64491)

*A fome levou-me a negociar com as almas do purgatório. Prometia rezar por elas em troca de duas batatas na minha sopa.*

Marta Wijas-Bielecka (7499)

*Eu não era crente até chegar ao campo.*

Wanda Draminska (85374)

PRISIONEIRO EM AUSCHWITZ-BIRKENAU 14 JUNHO 1940 - 27 JANEIRO 1945		ORIGEM DOS JUDEUS
Total de deportados	1,3 milhões	Hungria 430 mil
Crianças	232 mil	Polónia 300 mil
Judeus	1,1 milhões	França 69 mil
Polacos	150 mil	Holanda 60 mil
Ciganos	23 mil	Grécia 55 mil
Prisioneiros de guerra soviéticos	15 mil	Chéquia 46 mil
Prisioneiros de outras nacionalidades	25 mil	Eslováquia 27 mil
Judeus mortos logo à chegada	900 mil	Bélgica 25 mil
Total de mortos	1,1 milhões	Áustria 23 mil
Judeus mortos	990 mil	Jugoslávia 10 mil
Crianças mortas	231 mil	Itália 7500
Prisioneiros libertados	7500	Noruega 690
Crianças libertadas	700	Outros campos 34 mil
CAMPO	ÁREA	CAPACIDADE
Auschwitz I	20 hectares	16 mil prisioneiros
Auschwitz II-Birkenau	171 hectares	90 mil prisioneiros



*Para além da própria sobrevivência, todos precisávamos de acreditar em algo.*

Trzcinska-Croydon (44787)

*Uma noite, em dezembro de 1942, sonhei com a Virgem Maria que me disse: "Não te preocupes, vais sobreviver".*

Stanislawa Lempart-Gaskowa (7556)

*Naqueles tempos difíceis não perdi a minha fé.*

Michal Ziolkowski (1055)

*Prometi a Deus que se a minha vida fosse poupada iria diariamente à missa durante 10 anos. Depois dessa promessa comecei a sentir uma grande calma interior e a acreditar que ia sobreviver.*

Boleslaw Dziamski (7723)

Primo Levi conta que «a primeira patrulha russa chegou à vista do campo pelo meio-dia de 27 de janeiro de 1945. Eram quatro soldados muito jovens a cavalo, que avançavam cautelosos, com as metralhadoras nos braços, ao longo da estrada que delimitava o campo. Quando chegaram junto do gradeamento, detiveram-se a observar, trocando entre si palavras breves e tímidas, e dirigindo os olhos tolhidos por um estranho embaraço para os cadáveres descompostos, para os barracões desconjuntados, e para nós poucos que estávamos vivos».

O paradoxo segundo o qual, em diferentes circunstâncias da vida, a fraqueza pode ser uma fonte de força, a vítima pode triunfar sobre os seus algozes e, no final, todo o sofrimento pode converter-se numa vitória, constitui o cerne da mensagem contida nos evangelhos. O triunfo do bem sobre o mal, a vitória da vida sobre a morte. Muito embora a maioria das vítimas em Auschwitz fossem judeus, não é de somenos sublinhar que, impotentes, aceitaram a situação como se fora a sua cruz.

Otto Frank (1889-1980), pai de Anne e único sobrevivente da família, contava-se entre os cerca de 7500 escanzelados que lograram sair de Auschwitz. A maioria ficou refém do ressentimento, alimentado pelas próprias memórias. É o ressentimento que alberga o "re-sentir", passe o pleonasma. Se o reviver da emoção negativa decorre de uma ferida profunda, a sua aceitação plena só pode ser alcançada com o perdão. Perdoando o imperdoável. Segundo Hannah Arendt, «o descobridor do papel do perdão na esfera dos negócios humanos foi Jesus de Nazaré. O facto de ele ter feito esta descoberta num contexto religioso e de a ter enunciado em linguagem religiosa não é motivo para a levar menos a sério num sentido estritamente secular».

*Nada é mais cruel do que a memória.*

Simone Alizon (31776)

*O campo não é apenas uma memória. Está presente em cada dia das nossas vidas.*

Raphael Esrail (173295)

*Não consigo apagar da memória todas aquelas mortes inocentes.*

André Balbin (41796)

*Concordando com Job, deixei de rezar sem negar a existência de Deus. Duvidava da Sua justiça absoluta.*

Elie Wiesel (A-7713)

*Uma só questão me assaltava nas noites de insónia: Porque permitia Deus uma coisa destas?*

Stanislaw Sattler (68652)

*A morte estava entre nós. Conseguíamos ouvi-la, senti-la e pensar nela.*

Louis Fynaut (185590)

*O suicídio era crime, um dos paradoxos de Auschwitz. E os que falhavam eram punidos.*

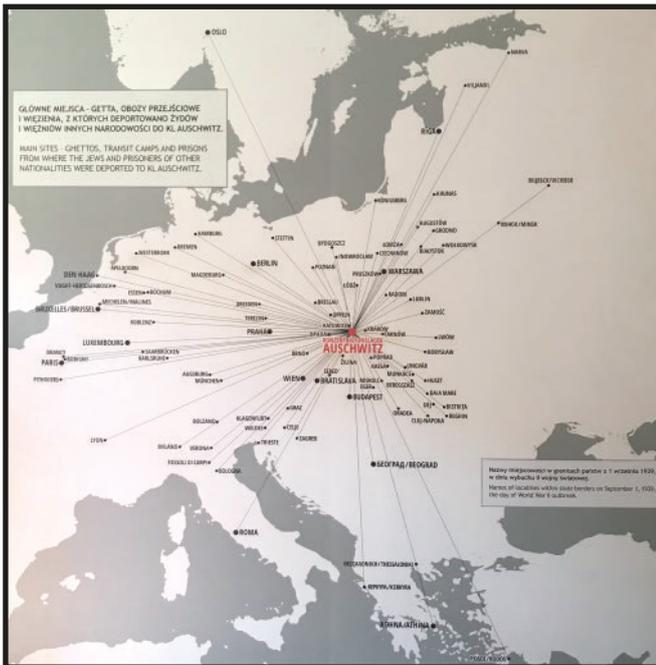
Raya Kagan (7984)

*Os que morreram tiveram sorte, aquele inferno já não lhes dizia respeito.*

Boguslaw Dabrowski (18375)

O bispo anglicano Nicholas Wright relembra-nos que «as recordações estão sempre presentes; as vozes, tanto dentro como fora, os pesadelos, prontos a atacar assim que fechamos os olhos. As cicatrizes mentais permanecem depois de estarem curadas as físicas». Desde o nascimento, e muito provavelmente desde a concepção no útero materno, todos os acontecimentos da vida deixam marcas indeléveis. Muito embora sejam a tenacidade e a fé a ditar a forma como as adversidades são vividas e até suplantadas. Quanto às situações limite colocadas à existência humana, o monge trapista Thomas Merton (1915-1968) formulou uma análise particularmente assertiva: «Por mais arruinados que o homem e o seu mundo possam parecer estar, e por mais terrível que o desespero do homem se possa tornar, desde que continue a ser homem, a sua própria humanidade continua a dizer-lhe que a vida tem um sentido. Essa é, de facto, uma das razões pelas quais o homem tende a revoltar-se contra si mesmo».

O rio da vida flui, inelutavelmente, cingido por duas margens, entre o júbilo e a dor. E no caminho de busca interior existe sempre um tempo de penitência, um tempo de sofrimento e até uma cruz que, no final, almeja um tempo de ressurreição. Tempos do quotidiano por onde escorre a existência humana, nos quais a vontade individual é quase sempre uma soma nula. Hannah Arendt diz que «a vontade, dirigindo-se a si mesma, origina a contra-vontade porque o relacionamento é inteiramente espiritual». É, no fundo, a "subtil voz da consciência". Singular e irrepetível no tempo, a dimensão onde o divino se manifesta. Murmúrios de luz.



Da mesma forma que compartilhar a felicidade funciona como multiplicador das alegrias, a partilha da dor opera como divisor das mágoas, aliviando o sofrimento. Neste sentido, todas as pessoas deveriam ir, uma vez na vida, em visita a Auschwitz. Em penitência ou em contrição serão, talvez, termos mais apropriados. Para alívio do jugo coletivo, a redenção da humanidade impele ao assumir do quinhão individual. Na medida em que “salvar uma vida é salvar toda a humanidade”, importa aqui recordar que o sudeta alemão Oskar Schindler (1908-1974), detentor da *Deutsche Emailwarenfabrik* (DEF) em Cracóvia, salvou 1200 dos seus trabalhadores judeus de serem deportados para Auschwitz.

Naquele lugar calam fundo sentimentos ignotos. Eu não estava preparado. Nas situações limite não ousamos estar sós. Ali somos reféns. Sitiados num labirinto emocional. E espiritual. Circunscritos à nossa fragilidade e insignificância. Reduzidos a nada. Solitários no luto coletivo. Cercados por expressões aterrorizadas. Lágrimas em coro. Não se acredita. No que se ouve e no que se vê. É um pesadelo. Queremos acordar. Pode alguém estar preparado?

Ali tudo tresanda a sofrimento e morte. Perpassa a total ausência do bem e da luz. Pressente-se a chaga viva que confirmamos não sarar. Siderado e sem chão, fez-se sempre presente a prosaica questão formulada por Bento XVI: onde estava Deus nessa altura?

Cinzelava na mente como disco riscado. Pelos esgares atormentados, em todos assoma. Nos crentes e não crentes. Em unísono. A resposta é intuída por cada um. Intrínseca e singular. Emerge no âmago do ser. Na relação exclusiva e biunívoca com o transcendente. Não existe outro canal. Sabedoria e conhecimento não fazem parte da equação. É território avesso à razão. O sentimento emana da alma. Não é de todo transmissível. Nem partilhável. Não há palavras. Apenas o verbo. Destroçado. Deus esteve sempre em Auschwitz. Puro desígnio. Concedeu que vislumbrássemos o mundo sem Ele. *Deo gratias!*

**«Todos descobrem, mais tarde ou mais cedo na vida, que a felicidade perfeita não é realizável, mas poucos se detêm a pensar na consideração oposta: que também uma infelicidade perfeita é, igualmente, não realizável. Os momentos que se opõem à realização de ambos os estados-limite são da mesma natureza: derivam da nossa condição humana, que é inimiga de tudo o que é infinito. Opõem-se-lhe o nosso sempre insuficiente conhecimento do futuro; e a isto se chama, num caso, esperança; no outro, incerteza do amanhã. Opõem-se-lhe a certeza da morte, que impõe um limite a qualquer alegria, mas também a qualquer dor. Opõem-se-lhe as inevitáveis preocupações materiais que, assim como poluem qualquer felicidade duradoura, também distraem assiduamente a nossa atenção da desgraça que paira sobre nós e tornam fragmentária, e, por isso mesmo, suportável, a consciência dela.»**

Primo Levi (1919-1987)



António Manuel Gonçalves

CFR

Antigo Comandante do NRP Sagres (2015-2017)

**Agradecimento:** Ao meu filho António Manuel Ramos Gonçalves, que na Páscoa me guiou por Cracóvia, Wadowice e Auschwitz, lugares na Polónia onde me foi soprada a inspiração para este artigo.



## NOTÍCIAS

## 65ª PEREGRINAÇÃO MILITAR INTERNACIONAL LOURDES

Realizou-se de 16 a 18 de maio a 65ª Peregrinação Militar Internacional a Lourdes, Santuário Mariano em França, que contou com uma delegação de 150 peregrinos, militares das Forças Armadas e Forças de Segurança, e civis familiares e amigos. Este ano coube à Marinha a organização portuguesa da Peregrinação.

Com origens no pós-guerra, a Peregrinação Militar começou no ano de 1958 quando dois padres, um francês e um alemão, se juntaram em Lourdes para tentar a reconciliação dos seus povos. Apesar de inicialmente só ter a participação de países europeus, a ideia foi crescendo e começaram a juntar-se militares de países como os Estados Unidos da América, Canadá ou Costa do Marfim.

Este ano contou com a presença de militares de 40 países. Pela sua grandiosidade, a Peregrinação Militar Internacional tornou-se num evento anual, que transcende fronteiras, permitindo vivenciar uma experiência que surpreende desde o primeiro momento, pela partilha e convívio de militares de diferentes nacionalidades.

A Peregrinação Militar engloba um vasto programa oficial que envolve todos os militares peregrinos dos diferentes países, tendo também atividades dedicadas a cada país. As atividades oficiais começaram, no dia 16, pelas 21h com o acolhimento na Basílica de São Pio X, em que os países participantes desfilaram de forma imponente e orgulhosa exibindo os seus estandartes, numa cerimónia repleta de cor e luz.

No dia 17 de manhã, Portugal desfilou até à Basílica de São Pio X, acompanhado por militares da Banda da Armada que tocaram marchas militares animando as ruas, num espetáculo de som e movimento. Após a concentração na Basílica de São Pio X, a manhã foi exclusiva a atividades dedicadas à delegação portuguesa, iniciando com Confissões,

seguidas de missa, presidida pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Sérgio Dinis, na Capela *Sts Côme et Damien*. Seguidamente, o momento foi intenso, emocionante e de profunda reflexão, realizando a Via Sacra numa envolvimento natural e autêntica.

No entanto, o momento alto da Peregrinação foi a Procissão das Velas, realizada no dia 17 à noite, momento impossível de esquecer em que lado a lado com militares peregrinos de diferentes nações nos unimos em oração. Com a Basílica iluminada ao fundo e a vela acesa na mão, sentimos a envolvimento de algo maior – o silêncio, os cânticos e as orações em várias línguas, o brilho das luzes, tudo o que nos leva a um lugar interior de paz e comunhão.

A Peregrinação terminou com a missa internacional na Basílica de São Pio X, no dia 18 de manhã, em que mais uma vez os Estandartes de todos os países participantes tiveram oportunidade de desfilarem perante 17.000 peregrinos. Enquanto peregrinos, trazemos, em pensamento, os nossos camaradas, os desafios das nossas missões, as alegrias e dores da vida militar; e é por todos eles que rezamos e que oferecemos o nosso silêncio.

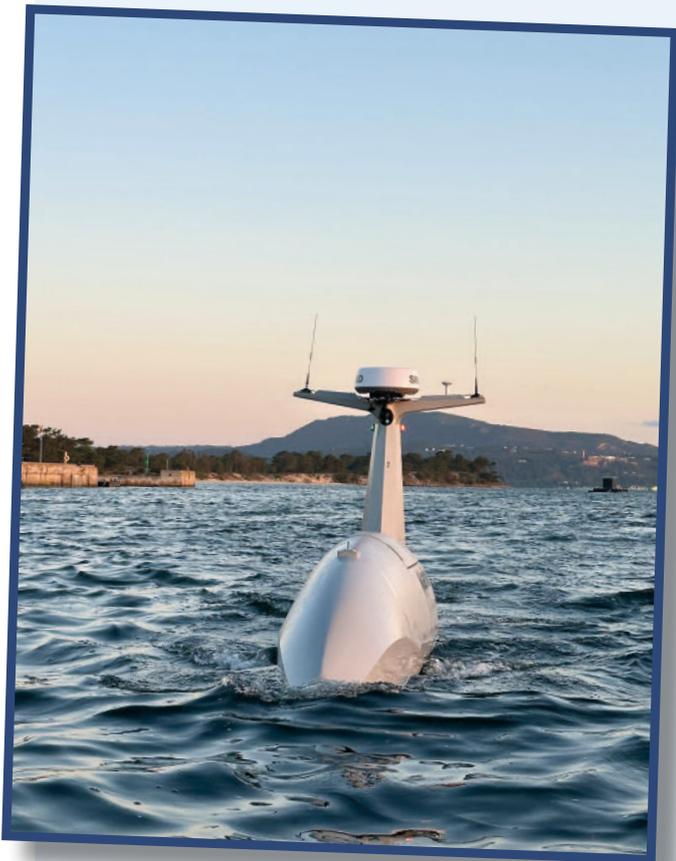
Regresso de Lourdes diferente: mais tranquila e comprometida; com a certeza de que, como militar portuguesa, sou chamada não só a proteger a paz com disciplina e coragem, mas acima de tudo a cultivá-la com oração, humanidade e esperança.

Que a luz de Lourdes, acesa em cada vela na noite da procissão, ilumine sempre os nossos passos – ao serviço de Portugal e da paz.



Joana Costa Canas  
1TEN M





## PRÊMIO INOVAÇÃO DA MARINHA CÉLULA DE INOVAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DE SISTEMAS NÃO TRIPULADOS

A Célula de Inovação e Experimentação de Sistemas Não Tripulados (CEOV) recebeu, pela segunda vez, o **Prêmio Inovação da Marinha**, no âmbito da EA-IDEIA, com o projeto **“Trator do Mar”**, uma solução concebida para operar em ambientes marítimos e litorais de forma eficiente e segura.

A EA-IDEIA é a estrutura que coordena a inovação na Marinha, promovendo projetos com impacto operacional, aplicabilidade prática, viabilidade económica e colaboração entre unidades e parceiros. O prêmio Inovação visa reconhecer iniciativas que respondam, de forma inovadora, aos desafios atuais da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional.

O **“Trator do Mar”** é um sistema não tripulado de superfície (USV) projetado para missões científicas de recolha de dados ambientais, vigilância costeira e apoio a operações navais. Com *design* modular, alta robustez e baixo custo, oferece uma solução inovadora e eficiente para os desafios operacionais enfrentados em ambiente marítimo.

Colaboração da **CEOV**

## OS ACORDOS LOGÍSTICOS INTERNACIONAIS E A INTEROPERABILIDADE

Nos dias 23 e 24 de abril a Direção de Abastecimento (DA) acolheu a *46th NATO Logistics Stock Exchange PROCESS TEAM (NPT)*, no âmbito do Programa LB – *Project COMMIT PARTNERSHIP* da *Nato Supply and Procurement Agency (NSPA)*, com a presença de 14 nações (12 europeias e 2 norte-americanas), realizada na Escola Naval, que disponibilizou as instalações e assegurou o apoio no fornecimento de refeições.

A reunião visou a cooperação entre nações através da plataforma que suporta toda a atividade da *NATO Logistic Stock Exchange (NLSE)*, ferramenta essencial na troca de stocks variados, aquisição de bens, materiais e serviços. Foi reforçada a importância da plataforma na criação da *framework contracts* (e-CAT1's) para os mais variados artigos e a interoperabilidade com a *DLA – Defense Logistics Agency*.

O primeiro dia da reunião iniciou-se com a intervenção do COM Pereira Gonçalves, Diretor da DA, que se dirigiu ao Chairman do grupo, à NSPA e às nações presentes, endereçando as boas vindas em nome da Marinha Portuguesa e referindo que os desafios logísticos e de abastecimento que os países aliados normalmente enfrentam no cumprimento da sua missão comum alcançaram uma nova dimensão, em resultado da atual conjuntura internacional. Daí que os esforços prosseguidos neste fórum serem cruciais para assegurar as melhores oportunidades ao nível logístico e

de abastecimento, ultrapassando as dificuldades encontradas nos mercados nacionais, possibilitando as melhores decisões de contratação, materializando as opções de maior valor acrescentado quanto ao investimento dos recursos financeiro críticos, entregando uma resposta operacional otimizada às nossas forças armadas.

Tratando-se a NATO de uma aliança militar de defesa coletiva, a agência logística da NATO (NSPA) agrega necessidades coletivas, alicerça a interoperabilidade e torna-a vantajosa, pressionando assim a indústria/fabricantes.

É neste contexto que a Marinha Portuguesa, através da DA, tem participado ativamente nestas reuniões, apresentando contributos para a melhoria contínua da plataforma do NLSE, e obtendo bons resultados na sua atividade aquisitiva junto dos diversos grupos, dos quais a Marinha Portuguesa faz parte.

Por fim, nesta linha de persecução das competências atribuídas à DA, no final do segundo dia de trabalhos procedeu-se ao encerramento, sendo unânime por parte das nações participantes a apreciação muito positiva da reunião, confirmando que os recursos disponibilizados pela Marinha para a sua realização, muito contribuíram para trazer dignidade ao evento, elevando, mais uma vez, o mote da DA *in bello absque lavris* “Estamos na guerra, mas não colhemos os louros”.

Colaboração da **DA**



# MONITORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA MARINHA

## FORMAÇÃO

Reconhecido ao nível do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP), o Curso de Monitor de Educação Física, ministrado pelo Centro de Educação Física da Armada (CEFA), já vai na 59ª edição, motivo de orgulho para a Marinha e das Forças Armadas, podendo ser considerado como um dos mais antigos e prestigiados cursos na área da Educação Física em Portugal.

### CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MONITOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O CEFA foi criado em 5 de abril de 1962, através da Portaria 19 114 do Ministro da Marinha, tendo no ano letivo de 1961/62 realizado o 1º Curso de Especialização em Monitor de Educação Física (CEMEF), com a frequência de 18 formandos da Marinha.

O CEMEF é caracterizado pela sua exigência e multiplicidade, durante os seus nove meses de duração, aliado a uma intensa carga física e académica, o que obriga a uma grande entreadjuada entre os formandos, habilitando os futuros Monitores de Educação Física para o desempenho das suas funções de forma competente e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento da Educação Física e do Desporto na Marinha, Forças Armadas e Forças de Segurança.

Desde o seu início que o CEMEF tem no seu currículo os seguintes conteúdos programáticos, com uma duração de 1050 horas: Metodologia do treino, Didática das atividades físicas e desportivas, Metodologia dos desportos coletivos (andebol, basquetebol, futebol e voleibol), Metodologia dos desportos individuais (natação, atletismo, ginástica, destreza e tiro) e Metodologia dos desportos de combate (judo, boxe e defesa pessoal).

Para além das matérias relacionadas com o treino físico e desportos, o CEFA, desde 1983/84, ministra aos seus

formandos o Curso de Nadador-salvador e Monitor Nadador-salvador, como um curso de aperfeiçoamento independente, que no ano letivo de 2003/04 passou a fazer parte da estrutura curricular.

O CEMEF sofreu no seu longo historial várias reestruturações: no ano letivo 2006/07 foi feita uma actualização de conteúdos com incidência no número de horas dos módulos de Didática das Atividades Físicas e Desportivas, Primeiros Socorros, e Orientação, a criação do Módulo de Futsal, a redução da duração dos módulos de atletismo e desportos coletivos.

No ano letivo 2014/15 foi atualizado e ajustado os conteúdos programáticos às necessidades de desempenho funcional do Monitor de Educação Física, a atualização da estrutura curricular nas áreas técnicas do desenvolvimento físico e desportivo, tendo em vista os requisitos exigidos pelo IPDJ e Federações Desportivas, visando o seu reconhecimento e certificação. No ano letivo 2023/24 foi feito um alinhamento da estrutura curricular do CEMEF, de acordo com o Quadro Nacional de Qualificações (QNQ), com a qualificação parcial de nível 4 de Técnico de Desporto das seguintes 7 Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD): Pedagogia do desporto, Didática do desporto, Psicologia do desporto – aprendizagem e desenvolvimento humano, Teoria e metodologia do treino desportivo, Natação – adaptação ao meio aquático, Abordagem geral de noções básicas de primeiros socorros e Escalada e manobra de cordas.

O CEMEF tem merecido um elevado reconhecimento no âmbito das Forças Armadas e Forças de Segurança, resultado da sua valia técnica, qualidade da equipa de formadores, para além de possibilitar reconhecidas certificações por entidades externas à Marinha, o que muito valoriza o curso, e habilita os formandos com competências técnicas aplicáveis no contexto civil.





COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS DOS FORMANDOS COM O CEMEF	
Ministrar sessões de Educação Física, no âmbito da formação e do treino, incluindo as de cariz militar;	
Aplicar os princípios e metodologias do treino físico;	
Controlar as Provas de Aptidão Física (PAF);	
Ministrar as sessões práticas previstas nos Planos de Atividades de Educação Física (PAEF);	
Executar as tarefas de delegado ou treinador de equipa nas modalidades praticadas nas competições desportivas da Marinha e dos campeonatos nacionais militares;	
Executar as tarefas de organização de torneios /campeonatos e arbitragem;	
Intervir nos acidentes resultantes da prática de atividade física;	
Executar tarefas de salvamento, assistência e prestação de cuidados imediatos no âmbito do Suporte Básico de Vida (SBV) a utentes no mar, na orla costeira, nas piscinas e eventualmente noutros "planos de água";	
Ministrar sessões de formação na área de salvamento humano no meio aquático;	
Zelar pela conservação das instalações e material técnico atribuído.	

Nas suas 59 edições regista já uma lista de 831 formandos de Marinha, 102 da Força Aérea, 111 da PSP, 57 da GNR/Guarda Fiscal e 16 dos PALOP, num total de 1117 formandos.

## CERTIFICAÇÃO

A Certificação do CEMEF, essencial para o seu reconhecimento a nível militar e civil, tem passado por várias fases: No período de 2006 a 2012, a Direção de Formação e as entidades formadoras da Marinha foram acreditadas pelo Ministério da Defesa Nacional nos vários domínios do ciclo formativo. Em 2016 o Sistema de Gestão de Formação Profissional da Marinha, onde está inserido no CEFA, obteve a certificação pela Associação Portuguesa de Certificação (APCER). Em 2016 o CEMEF foi reconhecido e certificado pelo IPDJ, nomeadamente a Componente Geral do Curso de Treinadores de Desporto, 1º Grau.



**Abel Melo e Sousa**  
CFR REF

Com a colaboração do CEFA

ESTRUTURA CURRICULAR DO CEMEF						
Nr	Módulo	COFICIENTE	Horas de Formação			TOTAL
			Formação Presencial			
			Teóricas	Práticas	Total	
1	Pedagogia do desporto	2	21	4	25	25
2	Didática do desporto	2	20	5	25	25
3	Didática das atividades físicas e desportivas	3	2	48	50	50
4	Psicologia do desporto – aprendizagem e desenvolvimento humano	1	24	1	25	25
5	Teoria e metodologia do treino desportivo	3	40	10	50	50
6	Fisiologia do exercício	2	29	1	30	30
7	Funcionamento do corpo humano	2	43	6	49	49
8	Organização da educação física e da luta contra a dopagem	1	16.5	1.5	18	18
9	Controlo e avaliação da aptidão física	1	6	9	15	15
10	Comportamento organizacional e liderança	1	5.5	6.5	12	12
11	Organização de eventos desportivos	1	3	19	22	22
12	Natação - adaptação ao meio aquático	1	2	23	25	25
13	Natação	2	15	35	50	50
14	Enquadramento Histórico, Legal e Cívico do nadador-salvador	1	17	1	18	18
15	Morfologia e Material de Praias	1	9	1	10	10
16	Classificação, Riscos e Dispositivos de segurança em Piscinas	1	8	2	10	10
17	Abordagem geral de noções básicas de primeiros socorros	2	15	10	25	25
18	Primeiros Socorros específicos do salvamento no meio aquático	1	8	4	12	12
19	Técnicas de resgate aplicáveis ao salvamento no meio aquático	2	10	40	50	50
20	Treino da Condição Física	1	0	25	25	25
21	Orientação	1	16	49	65	65
22	Escalada e manobra de cordas	2	5	45	50	50
23	Destrezas e manobra de cordas	2	3	47	50	50
24	Tiro desportivo	1	8	18	26	26
25	Jogos desportivos coletivos	1	35	60	95	95
26	Luta Corpo-a-Corpo - Nível 1	1	1	33	34	34
27	Luta Corpo-a-Corpo - Nível 2	1	1	57	58	58
28	Atletismo	1	4	26	30	30
29	Segurança em Atividades Náuticas	1	9	11	20	20
30	Estágio	1	0	90	90	90
-	Tempos destinados a apresentação, enquadramento militar e destacamento dos formandos		0	19	19	19
-	Tempos destinados a visitas de estudo		0	21	21	21
-	Preparação para o Exame Específico de Aptidão Técnica		0	2	2	2
-	Tempos destinados ao Exame Específico de Aptidão Técnica de Nadador-salvador		0	4	4	4
-	Complementado com 20 horas destinadas à realização de exames finais, quando aplicável, fora do horário escolar		0	20	20	-
						1.100



## DIRETOR DO CEFA | CFR SEG NUNES DA SILVA



### Quais os objetivos da atual reestruturação do CEMEF?

**NS:** De acordo com o Estratégia para o Alinhamento das Qualificações da Defesa Nacional 2023/2025 (EAQ DEFESA), pretende-se que “toda a formação profissional ministrada no seio da

Defesa Nacional seja qualificante, conferindo ou contribuindo para a obtenção de um nível de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações.”

Assim, o principal objetivo da mais recente reestruturação do CEMEF, incidiu no alinhamento da estrutura curricular com a qualificação de nível 4 do QNQ, de Técnico de Desporto, tendo sido convertidos 6 módulos em UFCD, contando agora com 7 UFCD.

**Com a recente reestruturação do CEMEF, quais são as certificações/ qualificações que os formandos obtêm no final do curso?**

**NS:** Para além das 7 UFCD referidas, no final do curso os formandos irão obter, igualmente, a certificação da componente de formação geral de Treinador de Grau I, conferida pelo IPDJ e a certificação de Nadador-salvador, conferida pelo Instituto de Socorros a Náufragos.

### Qual tem sido o feedback sobre o CEMEF ao nível interno e externo à Marinha?

**NS:** O CEMEF é valorizado pela sua qualidade técnico-pedagógica e pelos diversificados conteúdos ministrados, conferindo aos formandos as competências necessárias para o exercício das funções de monitor de educação física na Marinha e nos ramos das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

A certificação que é conferida ao CEMEF é fundamental para a valorização técnico profissional do monitor de educação física, conferindo-lhe valor acrescentado ao nível interno e externo, incluindo a sociedade civil.



## RENOVADAS HISTÓRIAS DA BOTICA ~ 84

# O SILÊNCIO...E AS HISTÓRIAS

*No silêncio encontrou-se  
Perdido que estava, em ideias e sentires distantes...  
De um lugar sem nome  
Ruidoso no sentir  
Vivo, como a vida por vez é  
Em lugares de maresia*

*Daniel Brito, "O mar"*

**R**egressam as histórias, que tal como o poeta acima, ficaram guardadas num lugar ruidosamente silencioso, de uma alma resistente aos melhores remédios, mesmo aqueles que são comuns na Marinha: os amigos marinheiros, as histórias dos embarques e, claro, o ocasional recurso a conversas com o "cirurgião capilar", pois toda a Marinha (... pelo menos toda a Marinha antiga) sabe que a Armada não tem barbeiros. A Marinha tem eletricistas, taifas, e homens da máquina, mas para se ser barbeiro é preciso ter alma grande e saber ouvir ao nível dos melhores médicos e, quem sabe, até ao nível dos melhores sacerdotes. Não conheço nenhuma especialidade que nos prepare para isso, mas sinto que deveria haver, já que parece fundamental nos tempos que correm...

As histórias voltaram agora, por todas as razões e por nenhuma em especial. A primeira é que o mar, por vezes tumultuoso, de onde provêm estes escritos sem jeito, nunca acalmou verdadeiramente... Contudo, todos sabemos, na agitação e na acalmia, aos marinheiros nunca faltaram temas e suspeito que nunca faltarão. Sinto mesmo que

no dia em que faltarem histórias à Marinha, já não será Marinha a instituição a que pertencemos, será, estou certo, outra coisa... decerto impronunciável, indesejável e será descrita por um anglicismo qualquer, que ninguém ainda conhece.

A primeira História da Botica, foi sobre perda e esperança na pessoa de um marinheiro, que tinha a filha doente. Muitas outras se seguiram, pela mão do *Doc*, que não sou eu, é outra pessoa, por vezes melancólicas, outras vezes eivadas de um sentido de humor muito próprio, reconhecido por todos os marinheiros e que se pensa, apreciado por muitos...

O *Doc* já não embarca e raramente faz clínica em contexto militar. Está agora nas Juntas da Marinha, honrado lugar para um Oficial Médico na Reserva. Não deixou de aprender, nem o lugar deixa de refletir a Marinha. Destacam-se, por exemplo, diagnósticos inovadores como "a alergia à farda". De tão frequente, tal entidade nosológica, adquire um carácter quase contagioso, refletindo, teme o *Doc* e tememos todos os que se preocupam com a Marinha, o cansaço de quem continuamente embarca e embarca e torna a embarcar, ao ponto de já sentir o despontar de gueltras, num corpo que anseia pela paz de terra, a que, sim, todos os marinheiros têm direito...

Noutros casos, aquele e muitos outros diagnósticos, são apenas manifestações da arte de viver, da qual os portugueses são mestres e, claro, alguns marinheiros também.





As Juntas têm então especial papel, na determinação de uns e de outros, na procura de justiça. Esta justiça é especialmente difícil, quando quem fica em casa vence mais do que quem trabalha... ao contrário de todas as outras profissões, incluindo as dependentes do erário público, como a nossa... por tudo isto, o *Doc* continua a considerar a sua colaboração importante...

Outra preocupação que o *Doc* expressa frequentemente refere-se aos médicos mais jovens. A “fusão” da saúde tentou equalizar o que nunca será igual. De forma simples, a Marinha, mesmo em tempo de paz, tem exigências específicas que são muito mal compreendidas (... e ainda menos valorizadas), por outros. O embarque, desiderato fundamental na cultura naval, não tem equivalente na sua exigência, quando comparável com os empenhamentos de outros ramos, em que, claro, a Marinha fiel à sua cultura de trabalho e entrega, também se compromete. Infelizmente, esta entrega não é depois recompensada, no deve e haver entre aquilo que outros recebem das suas organizações e aquilo que a Marinha, sempre fiel ao seu ser íntimo, consegue produzir...

Deste modo, é frequente nas contas de cada MN jovem, a “previsão de saída” (quer sejam oriundos ou não da Escola Naval, e muitas vezes, mais ainda, nos primeiros). Isto é especialmente assim, numa conjuntura de grande necessidade nacional de médicos, quer no serviço público, quer no privado, que prolifera, por todo o país, oferecendo-se carrei-

ras economicamente muito mais vantajosas e, porque não dizê-lo, tecnicamente bem mais interessantes.

Quem conhece o *Doc*, sabe também que sempre gostou de livros e de cultura em geral. Desta maneira, pertence agora numa outra instituição marcante e sem paralelo nas Forças Armadas: a Academia de Marinha. Há na Academia de Marinha um repositório de cultura e de pessoas que defendem essa cultura muito impressionante, mesmo no contexto nacional. Acresce de um ponto de vista pessoal, que a Academia sempre valorizou a escrita do *Doc*, nos bons e nos piores momentos... Assim, também por imperativo de gratidão, recentemente o *Doc* pertence, quiçá imerecidamente, ao Conselho Académico de tão reputada instituição...

O *Doc* é agora Comodoro, e continua a recorrer aos serviços do Hospital das Forças Armadas. Claro, frequentemente, recebe a voz de:

– O Sr. é Comodoro, ou já foi promovido a Almirante?

Aí o *Doc*, já habituado a tal desonra, terá respondido assim:

– Na verdade, sim, continuo como “Come-e-Dorme” – nome carinhoso criado por um grande amigo Almirante, que agora vai passar a outra fase da sua vida e a quem o *Doc* deseja muito boa sorte, neste outro caminho...



*Doc*

## JORNADAS DO MAR 2025 XIV EDIÇÃO

A Escola Naval vai organizar de **26 a 28 de novembro de 2025**, a XIV Edição das Jornadas do Mar subordinada ao tema “**Navegando nos Mares do Conhecimento**”, cujo objetivo visa promover o estudo dos Oceanos, destacando o seu papel no passado e presente, perspetivando a sua utilização no futuro.

As **Jornadas do Mar 2025** incluem as seguintes áreas temáticas:

- A) Ciências Militares e Navais
- B) Ciências e Tecnologia
- C) Humanidades e Gestão

Mais informações podem ser obtidas em <https://escolanaval.marinha.pt>

As inscrições com comunicação deverão ser feitas, até **30 de setembro**, para o email [jornadasdomar@marinha.pt](mailto:jornadasdomar@marinha.pt) e estão abertas a alunos matriculados no Ensino Superior para os seguintes escalões:

- 1º Escalão: (1º e 2º ciclos) – Licenciatura e Mestrado
- 2º Escalão: (3º ciclo) – Doutoramento

O melhor trabalho de cada área temática e escalão recebe um prémio de 1000€.

**Participa nas Jornadas do Mar!**



## VIGIA DA HISTÓRIA ~ 146

## NOMES

É sabido que, ao longo do período dos descobrimentos, várias foram as origens dos nomes postos ao que se ia descobrindo, quer fossem ilhas, cabos, baixos, portos etc...

A atribuição desses nomes era bastante diversa, umas vezes tinham origem no nome do santo da invocação do dia da descoberta, como foi o caso da ilha de S. Tomé, dos baixos de S<sup>a</sup> Ana, do cabo de S. Agostinho, etc..., outras vezes decorriam de quaisquer características especiais do que fora descoberto, como foi o caso da ilha da Madeira, da ilha do Fogo, do Rio dos Bons Sinais, da Terra dos Fumos, do cabo das Tormentas, nome este rapidamente mudado logo depois para cabo da Boa Esperança etc..., outras ainda eram baptizados com intuitos meramente laudatórios, como sucedeu com a ilha do Príncipe e com as Filipinas p.e., não sendo raro que também fossem escolhidos nomes relacionados com a identidade dos respectivos descobridores, como foi o caso das ilhas de Fernando Pó, das ilhas de Tristão da Cunha e de muitas outras mais.

O caso que hoje se divulga constitui, a meu ver, uma situação excepcional e, ao que julgo saber, única, pois o nome atribuído não resulta de qualquer uma das categorias atrás referenciadas, mas sim como expressão de uma qualidade do seu descobridor.

Deu-se o caso que, aquando da regência de D<sup>a</sup> Catarina, durante a menoridade de D. Sebastião, (1557 a 1562), o navegador Belchior Monteiro foi incumbido, como capitão de

uma galé, de efectuar o reconhecimento da costa da Guiné. O navegador, cujos mérito e experiência eram sobejamente reconhecidos por todos, à entrada do Rio Grande de Buba, ter-se-á visto em grandes apuros, numa zona repleta de baixos e afloramentos de pedras, em virtude do que, admitindo que se iria perder naquele local, terá exclamado:

“Aqui acabou a honra do Monteiro”

Embora tenha conseguido salvar-se, e ao navio, o impacto daquela afirmação foi de tal ordem, que os baixos em causa ainda hoje surgem nas cartas de navegação da zona, assinalados com o nome de “Baixos da Honra do Monteiro” onde, mesmo com a melhoria dos equipamentos actuais, navegar naquela zona continua a ser de extrema dificuldade e isto para não dizer que é mesmo impossível para a quase totalidade das embarcações.



Cmdt E. Gomes

Fonte: *Duas Descrições Seiscentistas da Guiné por Francisco Lemos Coelho*

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico



Pinitor: Roque Gameiro  
Fotografado por Rui Salta | Museu de Marinha



## QUARTO DE FOLGA

### JOQUEMOS O BRIDGE

Nº 7

S joga 4♠ recebendo a saída ao R♣ seguido da D. Analise atentamente as 2 mãos e decida qual a melhor linha de jogo para cumprir o contrato.

#### SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7

Aparentemente é um jogo sem história, fácil de cumprir desde que os trunfos estejam favoravelmente distribuídos nos adversários (3-2), o que é o caso. Contamos 4 vazas a trunfo (5 se a D♠ estiver na passagem), 4 a Copas e 2 a Ouros, ou seja, 10 vazas ganhas aparentemente garantidas com possibilidade de serem 11. Se olharmos pelo lado das perdes, o cenário é o mesmo: identificamos 1 a Paus, o A♥ e eventualmente a D♠ se não estiver na passagem. Mas será assim tão fácil com qualquer linha de jogo? Vejamos. Sul vai cortar a D♠ (ficando com 4 trunfos na mão) e, à primeira vista, o impulso será jogar pequeno trunfo para o R do morto seguido de outro trunfo para o V da mão. Se a D estiver em Oeste, Sul vai perder o controle dos trunfos e o contrato: Oeste vai jogar um terceiro Pau cortado por Sul com o A de trunfo na mão e o 5 no morto, estando ainda o A de trunfo para o A de Oeste, este vai ganhar 10 num dos adversários. Agora não pode destruir pois quando jogar Copas para o A de Oeste, este vai ganhar mais 2 vazas a Paus e dar 2 cabides. Se em vez disso optar por jogar Copas, Oeste vai fazer a vaza com o A e jogar um quarto Pau que Sul terá que cortar com o A♥, promovendo assim o 10 dos adversários e levando um cabide. O problema está identificado, o carteador deixou-se encurtar a trunfo e perdeu o controle do jogo. Para o evitar, a solução é jogar com a máxima prudência: depois de cortar a D♠, deve jogar A e R♥ à cabeça, sem se preocupar com a D, e de seguida fazer sair o A♥. Quando Oeste jogar o terceiro Pau, Sul ainda tem 2 trunfos; corta e continua a jogar Copas até que Oeste decida cortar com a D♥, e quando cortar o quarto Pau com o seu último trunfo o resto da sua mão é boa, 10 vazas feitas e contrato cumprido.

NORTE (N)			
♠	♥	♦	♣
R	9	A	8
5	3	7	6
2		6	3
		2	2
SUL (S)			
♠	♥	♦	♣
A	R	R	5
V	D	D	
8	V		
7	10		
4	6		

Nascimento Coelho  
Ex-CTEN AN

### SOPAS DE LETRAS

Nº 24

- ✦ PORTALÓ
- ✦ PORÃO
- ✦ QUARTELADA
- ✦ QUARTILHO
- ✦ RADAR
- ✦ RADARISTA
- ✦ REGEIRAS
- ✦ SACADA
- ✦ SAGRE
- ✦ TABUADO
- ✦ TELHA
- ✦ UNHAR
- ✦ VAGA
- ✦ VELA
- ✦ XARETA
- ✦ ZINCOS

Q	U	A	R	T	I	L	H	O	S	T	U	I	S
T	A	B	U	A	D	O	A	S	O	S	T	A	S
A	S	A	M	I	A	T	S	I	R	A	D	A	R
T	O	V	E	S	S	U	T	A	I	C	A	I	S
E	C	I	T	A	L	I	S	G	U	A	A	T	A
R	N	R	E	G	E	I	R	A	S	D	I	P	H
A	I	A	S	R	A	S	U	V	O	A	S	O	L
X	Z	D	T	E	L	U	U	N	H	A	R	R	E
Q	U	A	R	T	E	L	A	D	A	S	T	A	T
I	S	R	U	S	V	I	Ó	L	A	T	R	O	P

Dias Matias  
SCH CM

### SUDOKU

Nº 117

8	2	1	5	7	6	7	3	8
6	9	3	1	7	2	4	8	5
4	7	8	6	3	2	1	9	7
9	4	7	6	7	1	1	3	5
5	3	6	2	9	8	7	4	1
7	1	2	3	5	4	6	9	8
1	5	9	7	2	7	4	8	3
2	8	7	1	1	3	6	5	9
3	6	4	9	8	1	5	2	7

FÁCIL

DIFÍCIL

		1		6		9	3	
4			9			8		
					6		1	
	9			5			1	7
2	5							
6				8				
		4		1		6		
3			4		1		8	

FÁCIL

DIFÍCIL

		2	9					
	9				7	3		
5	3				2		7	6
		3	4					8
						1	5	
	7			9			2	
						4	1	
8					1			
6								



## NOTÍCIAS PESSOAIS

### NOMEAÇÕES

VALM Pedro Miguel de Sousa Costa, no cargo de Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada • CALM AN Nelson Alves Domingos, Diretor da Revista da Armada • CALM M José Rafael Ferreira de Oliveira Rodrigues Pinto, Superintendente do Pessoal • CALM M João Paulo Silva Pereira, 2.º Comandante Naval • COM M António José de Jesus Neves Correia, Sub-chefe do Estado-Maior da Armada.

### RESERVA

VALM Aníbal Júlio Maurício Soares Ribeiro • COM Nuno Filipe Cortes Lopes • CMG M Mário Vasco Lopes de Figueiredo • CMG EN-AEL Paulo Nuno Mendes Dias • CMG M Luís Miguel de Brito Mamede Alves • SMOR MQ Pedro Manuel Simões da Silva • SMOR M Luís Augusto Horta Madeira • SMOR B Paulo Jorge Fialho Gaspar • SMOR C Baltasar Manuel Gonçalves Cortes • SAJ TF José Silvestre Neves Fernandes • SAJ TF Paulo Jorge Martins Cardoso • SAJ H Octávio Manuel dos Santos Malaquias • SAJ FZ João Miguel Dinis Correia • SAJ ETS Carlos Alberto de Jesus Pereira • CMOR TFH Jorge Manuel Domingues Ratão • CMOR L Paulo Manuel Gardete Leitão • CMOR CM António Domingos Ferreira de Andrade • CMOR CM Aníbal José Silva Véstia • CMOR M Carlos Manuel de Oliveira Santos • CMOR A Paulo José Afonso Galrito • CMOR E Nicolau do Carmo Sequeira Barradas • CMOR TFH Jorge Manuel Domingues Ratão • CMOR CCT João Carlos Pirão Rosa • CMOR M José Luís Rodrigues Alves • CMOR M Paulo Jorge Teixeira • CMOR L Rui Miguel Duarte Garcia Zambujo • CMOR TFH Rui Manuel Cabrita Vieira • CAB A Carlos Miguel Raimundo Ferreira Matias.

### REFORMA

7976 CALM EME António José Gameiro Marques • 61682 CMG SEP Jorge António Oliveira da Silva Rocha • 500881 SMOR ETC Paulo Jorge dos Reis Ferreira • 774182 SMOR FZ António Manuel Pais Ribeiro • 420683 SMOR R João Manuel Bagulho Doroiteia • 502283 SMOR MQ Germano Manuel Augusto Catarino • 227483 SCH L Adriano Manuel Raposo Gonçalves • 764183 SCH FZ António João Morais Antunes • 171685 SCH TF Jorge Manuel Pedro Prata • 170984 CMOR L José Manuel Baptista Matias • 420584 CMOR M Luís Fonseca Furtado • 742084 CMOR FZ José Carlos Andrade Parracho • 260285

CMOR CCT Rui Luís Correia Simões Carinhas • 369185 CMOR L António Alberto de Jesus Mota Ferreira • CMOR L Rui Miguel Duarte Garcia Zambujo • CMOR TFH Rui Manuel Cabrita Vieira • CAB A Carlos Miguel Raimundo Ferreira Matias • CAB FZ João Filipe Moita Jardim.

### FALECIDOS

88967 CMG AN REF Manuel Fernandes Frutuoso da Costa • 26357 CMG M REF António Emílio Rodrigues Ponte • 22554 CMG M REF Eurico Nelson de Campos Marques Pinto • 48965 CMG M REF António José Fernandes Rodrigues • 287061 CMG SE REF João Carlos Filipe • 73661 CMG M REF Carlos Alberto Arrais Custódio • 62868 CFR OT REF José António Carvalho • 725861 CFR OTS REF Albino dos Santos Fidalgo • 701601 1TEN OT REF José Joaquim Gabriel • 525758 1TEN OTS REF António Godinho Ricardo Gomes • 440156 1TEN OTS REF José Vital • 553259 SMOR TRC REF António Nunes Marques • 582759 SMOR M REF Alberto Baptista Rodrigues de Bártolo • 823062 SMOR FZ REF Rafael Coelho de Souza • 492258 SMOR FZG (DFA) REF Américo Teixeira Azevedo • 164165 SMOR CE REF José Alberto Sebastião • 86074 SCH R REF António Bento dos Santos • 849462 SCH L REF Gregório Maria da Conceição Gomes • 592259 SCH L REF Amílcar Calado Ventura • 251250 SAJ M REF Joaquim dos Santos Nunes • 24369 SAJ ETA REF Florêncio da Costa Évora • 295452 SAJ R REF António de Matos Rodrigues • 308253 SAJ V REF Henrique da Silva Machado • 116972 SAJ T REF João Perfeito Gonçalves Rocha • 729661 SAJ TEA Jerónimo Manuel Amaral Baptista • 587359 SAJ A REF Manuel Inácio Reis • 376854 SAJ SE REF Joaquim Manuel Rego • 360454 SAJ CE REF José Fernandes • 166447 SAJ L REF Manuel dos Reis • 281150 1SAR C REF Orlando Saraiva Mendes Antunes • 1SAR MQ REF Jorge Manuel Ventura Lavado • 275173 1SAR L REF Luís Manuel Rosas da Costa Correia • 301552 1SAR A REF Guilherme Batista Leitão • 1025963 1SAR FZE REF António Vicente Gerardo • 451757 2SAR A REF João da Silva Marques • 77964 CAB FZ REF António Pedro Estevão Coelho • CAB TFD REF Manuel Francisco Leitão • 151068 CAB M REF Manuel Augusto Alves Peixoto • 33008656 AG 1CL PM QPPM APO Arnaldo Pereira Pinheiro • 31002782 AG 1CL PM QPPM APO Jorge Júlio Domingos Reis • 31000587 AG 1CL PM QPPM APO João Manuel Dias Viegas • 33010166 SUB CHEF PM QPPM APO Manuel Gonçalves.



## O NOSSO NAVIO

O nosso navio é, para nós, o melhor de todos. Nenhum, como ele, mais airoso e leal pode sulcar os mares. Se nos dizem que os mesmos planos serviram para muitos, mesmo assim não podemos acreditar que outros iguais foram feitos. Sabemos bem que se não pode dar uma só vida a dois seres, insuflar o mesmo espírito a dois corpos. E um navio, sente-se perfeitamente, é um ser vivo, que nasce com o destino marcado, qualidades e defeitos que o distinguem, lhe dão carácter e simpatia, nos entram pelos olhos e nos penetram e absorvem e nos fazem amá-lo sobre tudo o mais.

Neste «nosso Lima» – como ainda lhe chamam com carinho e saudade todos os que tiveram a ventura de saber nele servir – ninguém lamenta a aspereza da sorte. Embalados na bonança ou fustigados por temporais, só motivos de orgulho temos, afinal, recebido e, dia-a-dia, a nossa confiança se vai enraizando, a mais e mais.

Anda com ele o mau tempo...

É verdade. Mas os nevoeiros e as procelas, vendavais e aguaceiros, outro resultado não deram do que aumentar a fama da sua tão notável existência. Companheiros, duros companheiros que apenas o exaltam e nunca o abateram!

Encalhes, colisões, avarias grossas, balanços desmedidos, todo um sudário de reveses, têm servido apenas para claramente se ver como este valoroso e martirizado navio nos prende e afeiçoa.

Todos sabemos que é um bom navio, um navio de sorte. Não é certo que foi ele, na nossa Marinha, quem mais naufragos salvou? Há 228 vidas que também nunca o poderão esquecer, a essa «Lima», que os foi tirar da negrura da noite do mar sem fim.

Ninguém sai o portaló de vez sem levar mágoa que não esquecerá breve. Tenho-os visto a descê-lo com as lágrimas em fio; e vejo-os às vezes ao longe, debruçados em outras balaustradas, olhando, enlevados, o seu velho navio que o destino lhes fez abandonar.

Do ultramar distante, das casas remotas dos quatro cantos da nossa terra, muitos se lembram do que foi seu navio, escrevem e evocam-no. Parece-lhes, às vezes, que tudo deixariam para lhe pertencer de novo.

E assim tem de ser. Cada um de nós não pode em parte alguma cumprir melhor o seu dever, servir com mais honra o seu país. Aqueles que em momentos trágicos, difíceis, têm sabido mostrar o que valem como homens do mar, não podem deixar de estar fundamentalmente agradecidos a um navio que lhes deu tamanhas oportunidades.

Dos mais humildes postos de serviço às mais categorizadas situações, dos fundos porões às trepidantes máquinas e às enxarcadas pontes, quem não se descobriu a si próprio em momentos de perigo, quem não cessou para sempre de duvidar de si?

Estes homens por força que hão-de querer a um navio em que se honraram. Os outros, se os houvesse, não seriam, em verdade, marinheiros, nem dignos de ser do «Lima».

Mas o nosso navio não cuida apenas de si. Olha sempre para os outros, admira-os e estima-os. Sente-se orgulhoso dos seus feitos e triste com as suas mágoas. Todos eles são a Marinha, na qual não passamos de um átomo, obscuro e humilde, da sua grande inatingível.

Nós somos, na verdade, os da Marinha. Aqueles que têm o privilégio de passar noites infernais sob tormentas, sem um queixume e, sobretudo, sem que ninguém pense que pode ser pago em moedas tão imaterial sacrifício. Aqueles que dia-a-dia aprendem a lealmente lutar com mares e ventos; que podem, em toda a sua magnitude, sentir a dureza e fragilidade da vida; que preferem ao conforto o risco, a miséria ao luxo, a honra ao dinheiro.

Nada nos devem os senhores da terra. Gozamos destes estranhos prazeres que a eles são vedados, agradecidos à nossa boa estrela que nos fez marinheiros.

Por certo, quem trocaria tais postos de honra, sobre as pontes desmanteladas, por um vil e apodrecido bem-estar? Sentimos que só nós poderíamos ocupá-los, porque nós é que somos os marinheiros. E estamos pagos. Isto é assim, nos navios da Armada.

Por isso a todos saudamos fraternalmente. Àqueles que como nós usam botão de âncora, aos que como nós andam nos seus queridos navios.

E particularmente nos lembramos, com saudade e admiração, dos que outrora tripularam este navio, enchendo-se de lustre, cobrindo-o de renome. Antigos e ilustres comandantes que tão bem o conduziram em escabrosas, delicadas e importantes missões; briosos oficiais, estrénuos e dedicados sargentos, galhardos marinheiros. Por novos e velhos, antigos e modernos comandantes e grumetes, por todos nós corre o mesmo afecto a um corpo de aço e alma de fogo, a um ser vivo e vibrante que se chama o «Lima», «o nosso»!

Texto do cap.-ten. M. M. Sarmiento Rodrigues,  
extraído do livro «Rio Lima – o seu navio e os seus heróis» – 1944.



# NAUS de PEDRA em LISBOA



Situada na:

Rua do Recolhimento nº 9,  
1100-223 Lisboa

